

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E MERCADO DE CAPITAIS: um estudo sobre a importância da desmistificação do mercado de capitais e educação financeira na sociedade brasileiraRAMOS, Bianca de Figueiredo (Uni-FACEF)
MORAES JUNIOR, Antônio dos Santos (Uni-FACEF)**RESUMO**

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a educação financeira e as aplicações no mercado de capitais. Por meio de pesquisas bibliográficas e com o apoio de dados estatísticos, buscou-se compreender um pouco a forma como os agentes econômicos fazem suas escolhas intertemporais e quão complexa é a tomada de decisões principalmente quando o assunto é aplicações financeiras. Além da questão das escolhas intertemporais, passou-se pela forma como as pessoas interagem com o dinheiro e mostrou o quanto o orçamento e o planejamento financeiro são importantes. O presente trabalho vem mostrar, também, um breve conceito do Sistema Financeiro Nacional e dos mercados financeiro e de capitais. Justificando-se pelo fato do mercado de capitais ainda ser pouco conhecido e as aplicações nesse mercado serem importantes tanto para as empresas, quanto para as famílias e para a economia como um todo.

Palavras-chave: educação financeira; mercado de capitais; escolhas intertemporais; aplicações financeiras

ABSTRACT

This study shows about the financial education and the application on the stock market. Through bibliographic research and statistical investigation, we examine how the people do their intertemporal choices and how are very complicated to make a decision when the matter is financial application. Over there, we passed by how the people interact with their money and as important are the financial budget and planning. This study to show, also, a short idea about the Brazilian Financial System, Financial Market and the stock market, it concluding that the application on the stock market is very important to the company as the families and the country's economy.

Keywords: financial education; stock market; intertemporal choices; financial application

INTRODUÇÃO

As escolhas intertemporais são apenas um dos dilemas que cerca todos nós, meros mortais. Escolher, abdicar-se de algo, deixar de lado, usar depois, são questões ligadas ao psicológico e a como cada um está preparado para lidar com cada uma delas. Outro dilema vivido pelos indivíduos, é o que diz respeito às finanças pessoais e a realização de planejamento e orçamento familiar, questões nem sempre bem aceitas por todos. Quando o assunto é aplicações financeiras, é preciso que escolhas sejam feitas, que as finanças estejam organizadas e que se tenha conhecimento das opções disponíveis, depois de tudo isso basta fazer as aplicações e se beneficiar dos resultados obtidos.

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar, que através da educação financeira, as pessoas podem saber como melhor utilizar seu dinheiro, fazendo o melhor uso do excedente do fim do mês. Juntamente com a educação financeira, vem os programas de desmistificação do mercado de capitais, que visam a popularização das aplicações na bolsa.

Esta pesquisa justifica-se devido ao fato do mercado de capitais ainda ser pouco conhecido, tendo maior participação de grandes investidores. Com educação financeira, e a desmistificação do mercado de capitais, os agentes econômicos saberão interagir com o dinheiro de forma que possam aplicar no mercado de capitais, trazendo melhores resultados para si, para a empresa e para a economia.

O problema central desse estudo é justamente analisar se educação financeira pode influenciar o crescimento do mercado de capitais e consequentemente da economia.

Foi utilizado como instrumento de estudo um referencial bibliográfico teórico, além de alguns dados estatísticos, publicações e cursos on line oferecidos pela BM&FBOVESPA. Foi feito, também, uso de artigos e publicações em periódicos.

O trabalho foi realizado em três capítulos, sendo que no primeiro será discutido os dilemas das escolhas intertemporais. No primeiro capítulo, será demonstrado o quão complexo é fazer escolhas e como estas são influenciadas por fatores psicológico, a forma de pensar e até mesmo pela herança genética. Pode observar nessa seção que nenhuma escolha é fácil de ser feita, porém quando o assunto é dinheiro ou aplicações em geral fica ainda mais difícil.

A segunda seção trata das finanças pessoais e tenta mostrar que através de educação financeira pode-se organizar as finanças e fazer o orçamento caber no bolso, e assim o mês não terminará no vermelho. Para que se possa alcançar tal nível de organização se faz necessário rever a forma como se interage com o dinheiro de modo a otimizar os gastos, e para isso é preciso realizar um planejamento e orçamento financeiro familiar.

O ultimo capítulo, fica reservado a um breve conceito do Sistema Financeiro Nacional e do Mercado Financeiro e de Capitais. É nesta etapa que demonstra-se a forma como funciona o mercado de capitais e qual a participação de homens e mulheres no Brasil. Neste capítulo será demonstrado os programas da BM&FBOVESPA para a popularização do mercado de capitais, além de como ocorre a interação entre os dois setores da economia.

1 O DIFÍCIL DILEMA DAS ESCOLHAS INTERTEMPORAIS

A ciência econômica, por ser uma ciência social, se ocupa, como as demais ciências sociais, dos aspectos do comportamento humano. De acordo com Rossetti (2002, p.3):

[...] à economia, que, como as demais áreas, abrange apenas uma fração das ciências sociais, compete ao estudo da ação econômica do homem, envolvendo essencialmente o processo de produção, a geração e a apropriação da renda, o dispêndio e acumulação.

Rossetti (2002) ressalta que assim como as demais ciências sociais, a economia não pode se considerar fechada, mantendo, desta forma, relações com outros aspectos da vida humana que não só os econômicos.

Dadas às necessidades ilimitadas dos agentes econômicos, seguidos de uma grande variedade de recursos, os quais são escassos, pode-se considerar que os fatos econômicos são resultantes de escolhas dos indivíduos, onde é necessário escolher os meios corretos para alcançar os fins desejados, resultando sempre em um benefício alcançado e um custo de oportunidade, que nada mais é do que se deixa de ganhar com um meio optando por outro. Desde que seja resultado de atos de escolhas entre fins e meios, Rossetti (2002, p.51) conceitua economia como “um ramo das ciências sociais que se ocupa da administração eficiente dos escassos recursos existentes, empregados na consecução dos fins que tenham sido estabelecidos pela sociedade”.

Outro conceito de economia é o de Robbins apud Rossetti (2002, p.52):

A economia é a ciência que estuda as formas de comportamento humano resultantes da relação existente entre as ilimitadas necessidades a satisfazer e os recursos que, embora escassos, se prestam a uso alternativos.

Assim, através dos conceitos sobre a própria economia, fica claro que escolhas são inevitáveis. Deve-se sempre escolher entre os meios disponíveis para que se possam alcançar os objetivos desejados. Mesmo que escassos, os recursos se mostram em grande variedade no mercado, sendo as escolhas sempre dilemas

complicados. Por mercado, pode-se entender como “um grupo de compradores e vendedores que estão em contato suficientemente próximo para que as trocas entre eles afetem as condições de compra e venda dos demais” (SANDRONI, 1999 p. 379).

Sandroni (1999 p.379) afirma que o mercado é “formado pelo conjunto de instituições em que são realizadas transações comerciais”. Existem vários mercados, o de crédito, o imobiliário, o mercado de trabalho, mercado futuro, mercado a termo, mercado de capitais, o qual é objetivo do presente trabalho, e vários outros. Assim, entre os vários tipos de transações disponíveis no mercado, as escolhas são essenciais.

O ciclo da vida não é feito por escolhas intertemporais, é uma troca. Giannetti (2005) afirma, ainda, que é uma realidade biológica, fechada ao desejo e deliberações consciente, independentemente da vontade humana, porém as escolhas intertemporais não são irrelevantes, elas têm grande importância na nossa tomada de decisão. Giannetti (2005) afirma que “é somente por meio delas que podemos lidar de uma maneira inteligente com as realidades, oportunidades e desafios das diferentes etapas do ciclo da vida”.

As escolhas intertemporais dos indivíduos são algo bastante complexo. O modo como cada indivíduo faz suas escolhas está relacionado ao seu modo de pensar, ao seu psicológico, ao modo como cada ser vê o mundo. De acordo com Camerer e Loewenstein apud Muratso e Fonseca (2008) um problema central na economia é compreender como os agentes trocam custos e benefícios que se situam em diferentes pontos do tempo. Saber quais os desejos e a forma com que os agentes econômicos fazem suas escolhas no tempo é sempre um desafio. Fazer escolhas não é algo fácil, escolher entre consumo presente e futuro se torna ainda mais complexo.

Ao longo dos anos os seres humanos foram se adaptando a nova realidade e desenvolveram a capacidade de fazer planos para o futuro. Vive-se planejando o que fazer dentro de alguns anos e o que fazer para que se possa realizar tais planos no futuro. Giannetti (2005) ressalta que o animal humano adquiriu a arte de fazer planos e refrear impulsos. Ele aprendeu a antecipar ou retardar o fluxo das coisas de modo a cooptar o tempo como aliado dos seus

desígnios e valores. Isto agora ou aquilo depois? Desfrutar o momento ou cuidar do amanhã? Ousar ou guardar-me? São perguntas das quais não se escapa.

Nós, seres humanos, fazemos planos, projetamos o futuro, fazemos o hoje pensando no amanhã, da mesma forma fazemos com o nosso dinheiro. Muitas vezes o medo em relação ao futuro não nos deixa investir, muitas vezes por impulso gastamos tudo o que ganhamos visando apenas o benefício presente. Escolher entre o consumo no presente e a postergação para o futuro é uma decisão difícil. Rabin, 1998 e Loewenstein et al, apud Muramatso e Fonseca ressaltam que as pessoas encontram dificuldades em compreender e vislumbrar situações e utilidades futuras, e, por isso, as subestima.

Barrére (196, p.330) ressalta que:

[...] o comportamento econômico individual não suscitaria dificuldade prática, se o sujeito econômico tivesse o conhecimento perfeito dos dados e das consequências de sua escolha. Mas tal não se dá, pois a atividade econômica se desenvolve em função dos acontecimentos ao mesmo tempo presentes e futuros, que são imperfeitamente conhecidos por ele.

Giannetti (2005) afirma que as trocas no tempo são uma via de duas mãos. A posição credora – pagar agora, viver depois – é aquela em que abrimos mão de algo no presente em prol de algo esperado no futuro. O custo precede ao benefício. No outro sentido temos a posição devedora – viver agora, pagar depois. São todas as situações em que valores ou benefícios usufruídos mais cedo acarretam algum tipo de ônus ou custo a ser pago mais a frente.

Os indivíduos sempre abrem mão do consumo presente se a recompensa no futuro valer a pena. Veem-se em uma situação complicada, pois não se sabe o dia de amanhã. Temem futuros problemas de saúde, acidentes, coisas que não se pode prever e que pode acontecer a qualquer momento e a qualquer pessoa, se deixar de consumir em dado momento presente pode ficar impossibilitado de realizar tal consumo no futuro. É uma situação complicada, onde se vê a necessidade de escolher entre o presente e o futuro, e em nosso mundo, todos os seres humanos são passíveis de escolhas, das quais é impossível fugir, assim fica ainda mais complicado escolher quando o assunto é investir. Giannetti (2005) faz uma comparação entre o ser humano, mero mortal, e um ser humano com a opção de imortalidade e conclui que mesmo se este fosse imortal não estaria

desobrigado da escolha, porém o ônus de qualquer que fosse sua escolha seria *módico*. Porém na vida mortal, os dias são finitos e prevalece uma sentença inapelável: “se não viver agora, não viverá mais”.

Desfrutar agora ou poupar para o amanhã? A resposta está em nosso próprio organismo, no corpo dos animais. A relação com o dinheiro pode ser comparada com a relação que temos com o nosso próprio corpo. Giannetti (2005) nos dá um exemplo bem interessante quando fala a respeito do acúmulo de gordura nos tecidos adiposos de diversos animais. Em tal exemplo ele mostra que a gordura é uma espécie de poupança, a qual o metabolismo recorre quando a fonte natural de energia dos animais se torna escassa. Dessa forma o animal tem onde recorrer em tempos de “vacas magras”. Com o dinheiro acontece a mesma coisa. Em tempos bons devemos sempre fazer uma poupança para podermos usufruir em épocas de escassez.

O dinheiro, no mundo em que vivemos, é de fundamental importância, visto que é através dele que as trocas se realizam. Apenas através do dinheiro pode-se obter bens e garantir assim a sobrevivência. Para Pereira (2001) nos dias de hoje, com o avanço tecnológico, tudo acontece de forma muito rápida, não existe fronteira para a circulação do dinheiro, usa-se muito dinheiro virtual, não se vê mais o dinheiro em sua forma física.

Pereira (2001, p.13) afirma que:

Até o século XX o dinheiro era físico, ligado a riqueza material, lastreado o ouro, relacionado à sobrevivência. Veio a tecnologia e o dinheiro perdeu a matéria e virou impulso eletrônico. No século XXI, o dinheiro circula na velocidade da luz, em constante movimento. Está em todos os lugares e em lugar nenhum. É extremamente poderoso, sem dono nem fronteiras, não obedece a ninguém em nenhum país.

As pessoas passam a dar cada vez mais importância ao dinheiro, passam a querer cada vez mais. Em muitos casos valorizam mais o ter do que o ser. A forma com a qual as pessoas se interagem com o dinheiro varia de pessoas para pessoas, de situações para situações. Muitas das vezes a preocupação maior, em relação a riqueza, é com o que os outros irão pensar e não com o bem estar de cada indivíduo. Smith (1999, p. 59) enfatiza dizendo que “é, sobretudo por considerarmos os sentimentos da humanidade que perseguimos a riqueza e evitamos a pobreza.”

A relação das pessoas com o dinheiro é reflexo de seu próprio comportamento. Para que se possa viver em perfeita harmonia com o dinheiro, é preciso estar bem consigo mesmo. Pereira (2001) enfatiza dizendo que o dinheiro está intimamente ligado ao usufruto de todos os tipos de prazer: físico, mental ou espiritual. Isso acontece porque ele dispara internamente no indivíduo uma cadeia de hormônios através da produção da endorfina, vulgarmente chamada de “hormônios do prazer”.

A autora ainda ressalta que até a maneira como se respira pode influenciar no desempenho de nossas atividades. Pessoas que respiram de forma incorreta ou insuficiente têm o corpo, inclusive o cérebro, não tão vivos quanto poderiam, e cérebros não tão vivos demoram a dar respostas, e, estes, ficando mais lentos, não conseguem acompanhar a velocidade de circulação do dinheiro. Ela diz que quanto mais ar, maior troca de oxigênio no corpo, então teremos cérebros mais vivos, ideias flexíveis, comportamentos e atividades mais fáceis de atualizar para o novo mundo com a nova economia. Dessa forma, pessoas que têm dificuldades de lidar com o dinheiro podem não estar respirando corretamente, ficando clara a relação corpo e dinheiro.

Cada indivíduo age de acordo com o seu comportamento, o qual está inteiramente ligado ao psicológico de cada um, mas muitas vezes agimos intuitivamente, queremos viver intensamente o momento a fim de saciar de forma rápida e segura, as nossas necessidades, nesse instante agimos por instinto o que para Giannetti (2005) é ser uma espora pontuda e teimosa que incita o comportamento a dar-lhe pronta e rápida satisfação.

Entre a sensação de uma necessidade, apreensão ou desejo, e a realização de uma ação visando a anulação dessa sensação, o intervalo de tempo tenderá a ser o menos possível. Quando o prazer está em jogo, *mais* é melhor que *menos*, *antes* é melhor que *depois*. Quando a dor finca os dentes, a equação se inverte: *menos* e *depois* é melhor. O aqui-e-agora é senhor da situação (GIANNETTI, 2005 p.54).

Outra questão de influencia psicológica na tomada de decisão dos indivíduos é a impaciência. A forma de lidar com as escolhas depende do *grau de impaciência* de cada indivíduo, e esse tem grande importância quando o assunto é investimento. Giannetti ressalta tal assunto dizendo que quando as pessoas são

instadas a optar por R\$ 100 *hoje* e R\$ 130 daqui a *seis meses*, em sua maioria, ficam com o dinheiro à mão; mas se a opção for entre essas mesmas quantias só que a primeira daqui a *um ano*, e a outra em *um ano e meio* elas preferem esperar. A capacidade de cada um em lidar com questões de longo prazo dependerá não só do grau de impaciência de cada um, como também do intervalo de tempo de espera. Dependerá, ainda, da recompensa que tal espera resultará. Abdicar algo custa, e este custo é a recompensa por deixar de consumir algo no presente para o consumo futuro, ou seja, é o prêmio por deixar de consumir.

Os juros são o *prêmio da espera* na ponta credora – os ganhos decorrentes da transferência ou cessão temporária de valores do presente para o futuro; e são o *preço da impaciência* na ponta devedora – o custo de antecipar ou importar valores do futuro para o presente (GIANNETTI, 2005 p. 10).

As despesas são feitas, pois as famílias auferem renda. De acordo com Shapiro (1985, p.163):

Para apreciar de que forma as despesas de consumo estão relacionadas com a renda disponível podemos começar postulando que as despesas de consumo variam diretamente em função da renda disponível. Em segundo lugar, podemos ser mais específicos e dizer algo quanto a em que medida tais despesas variam quando também variam as rendas disponíveis.

O autor se baseia na obra de Keynes, mostrando sua exposição e demonstra sua “lei psicológica fundamental”. Keynes apud Shapiro (1985, p.163) afirma que “os indivíduos estão dispostos, como regra geral e em média, a aumentar seu consumo à medida que a renda aumenta, porém jamais na proporção exata do aumento em suas rendas”.

Assim, podemos observar que a medida que a renda aumenta, o consumo tende a aumentar, porém em proporções menores que o aumento da renda. Shapiro (1985) ressalta a partir do aumento da renda que não é consumida começam a ser destinada a poupança. A proporção do aumento do consumo em relação a renda é chamado de propensão marginal a consumir, sendo está sempre positiva e menor que um. Da mesma forma, a relação entre a variação do que é poupado em relação a variação da renda, é chamado de propensão marginal a

poupar, que pode ser representada como 1- PMgC, representando assim também um resultado positivo e menor que um.

Além da impaciência, tem-se o medo em relação ao futuro como outro fator que influencia fortemente as decisões sobre investimentos. Muitas vezes optamos pelo que é mais seguro, mesmo que esta não seja a melhor opção. Escolhe-se o que não apresenta riscos, pois lidar com riscos pode ser perigoso, pode assustar. De acordo com Pereira (2001) lidar com o risco é lidar com os medos, com os controles e com os limites pessoais, suas faltas e excessos. Ela ressalta, que aprender a lidar com os riscos é trazer à consciência as próprias emoções e aprender também a lidar de forma prazerosa com a própria vida.

O risco mexe com o psicológico, com os medos e com as emoções, mesmo que através do risco se obtenha mais, nem sempre e nem por todos ele é encarado como algo bom, em muitos casos prefere-se optar por ter menos, mas ter com segurança. Giannetti (2005) nos dá um exemplo de um leopardo africano, que tem como opções de sobrevivência a caça e a pesca. A caça é algo mais perigoso, ou seja, tem um risco maior, demanda mais tempo, apresenta maiores dificuldades, porém lhe oferece uma melhor refeição, com um redobrado valor calórico quando comparado com a pesca que é mais rápido, mais seguro não apresenta grandes dificuldades. Fica a questão *pescar ou caçar?* Quando se escolhe maior risco tem-se uma recompensa maior. Para Giannetti (2005) um agente cujas preferências apresentam um viés para o presente está sujeito a subestimar o valor do futuro, dando excessivo valor ao hoje e ao agora.

O ambiente institucional e a cultura também exercem forte influência nas escolhas intertemporais. É na infância que todas as pessoas começam a lidar com a vida e com o dinheiro, relações estas que estão ligadas as emoções e ao momento ao qual se vive de acordo com cada família e cada nível social. Para Pereira (2001) aprendemos a lidar com o dinheiro na escassez e na abundância. Em muitos casos os padrões pelo qual vivemos na infância são trazidos para os dias atuais, porém não se adequam a realidade em que vivem no atual momento.

De acordo com Pereira (2001) quando as pessoas se baseiam na escassez, não conseguem usufruir de sua riqueza e dos bens e não se permitem facilidades prazerosas. Já quando os indivíduos estão baseados na abundância, não

há regras e nem limites, em muitos casos tem grandes facilidades de fazer dinheiro, porém gastam tudo muito rápido. A autora ainda conclui que em muitos casos as pessoas não estão preparadas para lidar com seu dinheiro. Para Franksberg (1999) possivelmente, a herança genética que recebemos de nossos antepassados é o elemento mais determinante do nosso comportamento, tanto de modo geral como do financeiro em particular.

A formação da riqueza, o modo como lidar com o dinheiro, está inteiramente ligada ao fator psicológico, ao intelecto de cada um de nós. De acordo com Pereira (2001) o pensamento é o fator causal da formação da riqueza. Para a autora, aumentar a fortuna é uma questão de melhorar os pensamentos no que se refere a dinheiro, do que você faz para obtê-lo e de aprimorar os próprios pensamentos a respeito de si mesmo. Smith (1999, p. 53) afirma que “todo acréscimo de fortuna é supérfluo” para alguém que esteja sem dívidas e com a consciência limpa, para ele apenas isso já proporcionaria a felicidade.

Smith busca encontrar no comportamento dos indivíduos a explicação para o desejo de prosperar, de criar e mostrar a riqueza para todos que o cerca. De acordo com Smith (1999) um indivíduo é capaz de simpatizar tanto com as alegrias quanto com as tristezas dos outros. Porém não se consegue sentir com a mesma intensidade a dor do sofrimento que o outro sente, enquanto pode-se sentir a felicidade que do outro com a mesma intensidade. Dessa forma ele nos mostra o quão intimamente ligado estão o desejo em aumentar a riqueza ao comportamento, sendo estas as causa pela quais os indivíduos se envergonham em demonstrar a pobreza e vivem exibindo a riqueza. Para Smith (1999, p. 54) “é agradável simpatizar com a alegria, e sempre que a inveja não se oponha a isso nosso coração entrega-se com satisfação os mais elevados transportes dessa emoção encantadora.”

O que fazemos com o dinheiro é uma questão de cultura, dos padrões que nós criamos. Pereira ainda ressalta que ao tratarmos de dinheiro e riqueza, estamos tratando de filosofia de vida, de hábitos e comportamentos. Todo indivíduo, além de agir com a cultura, pensamentos e comportamento, quer sempre demonstrar aos outros apenas as coisas boas, Smith (1999, p.59) afirma que “é porque os homens estão dispostos a simpatizar mais completamente com nossas

alegrias do que com nossa dor, que exibimos nossa riqueza e escondemos nossa pobreza”. Para Smith muitas vezes quando o individuo é rico, ele acaba sendo o centro das atenções, todos o percebem e de alguma forma ele é importante, enquanto o individuo pobre passa sempre despercebido, ou sente que quando é notado não há quase que nenhuma solidariedade pela miséria da qual ele é vitima.

Após tratarmos do difícil dilema das escolhas intertemporais, precisamos começar a analisar a forma pela qual lidamos com as nossas finanças. É necessário entendermos o nosso comportamento em relação ao futuro, conhecer as nossas finanças e quais os tipos de aplicações disponíveis para que possamos assim começar as nossas aplicações.

2 FINANÇAS PESSOAIS

Todas as transações, de mercadorias ou financeiras, dependem da renda existente. É através da renda que as pessoas suprem suas necessidades. Daí a necessidade de ganhar dinheiro, ou seja, obter renda.

Existem pessoas que têm mais dinheiro e existem aquelas que têm menos. Os gastos de cada uma dessas pessoas serão de acordo com o seus rendimentos. Vale ressaltar aqui que Keynes, em sua obra “Teoria Geral do Emprego, o Juro e a Moeda”, relaciona a demanda por moeda com três motivos principais, que são apontados por Lopes e Rossetti (2002) como sendo motivo transação, motivo precaução e motivo especulação.

De acordo com Lopes e Rossetti (2002, p.68) pode-se entender por motivo transação, a necessidade de conservar recursos líquidos para que se possa realizar todas as transações, recebimentos e desembolsos. Para Keynes a decisão dos indivíduos em reter ativos monetários, dependerá da renda recebida por estes e da duração do intervalo entre o recebimento e seu gasto. Pode-se entender que moedas para transação são aquelas destinadas as despesas fixas que são certas.

Quanto ao motivo precaução, os autores afirmam ser para suprir algumas despesas extraordinárias e incertas que podem aparecer. Como certas despesas podem surgir de forma inesperada, faz-se necessário que os indivíduos e empresas mantenham saldos monetários líquidos para que tais gastos inesperados ou imprevistos possam ser honrados.

Por motivo especulação Lopes e Rossetti (2002, p.69) afirmam ser um motivo especificamente keynesiano, onde Keynes procura mostrar que o fato dos indivíduos manterem ativos monetários a fim de satisfazer suas oportunidades especulativas, não é algo irracional, desde que se tivessem razões para crerem em mudanças favoráveis no preço dos títulos e, portanto, na taxa de juros. Keynes mostra que a demanda para o motivo especulação variará de acordo com a taxa de juros. E é exatamente a demanda por moeda para o motivo especulação que está relacionada com a poupança e as aplicações financeira.

Para que possa haver certa tranquilidade financeira e não terminar todos os meses no vermelho é preciso gastar com prudência. Frankenberg (1999) afirma que gastar com prudência significa saber diferenciar o que é essencial do que é supérfluo. O autor ressalta que é necessário avaliar com cuidado se determinado eletrodoméstico, uma roupa, um produto alimentício é necessário ou apenas capricho dispensável. Porém, essa é uma capacidade que nem todos possuem. Para agir com prudência e fazer o salário caber dentro do orçamento é preciso ter educação financeira.

De acordo com curso online, disponibilizado pela BM&F Bovespa, todos os indivíduos recebem educação para conviver em sociedade e também uma educação formal na escola a qual ajuda a compreender o mundo, enfim todos têm uma formação cultural, profissional e religiosa, mas nem sempre engloba a educação financeira, que tem uma importância fundamental, pois através dela obtemos informações que nos auxiliam a controlar as finanças pessoais.

Para Domingos (2007) um grande erro da população é contar com o salário bruto, esquecendo-se de descontar os impostos e demais encargos, e este é um fator de grande importância dentro do orçamento pessoal e familiar. Como exemplo suponha um indivíduo que gasta R\$1000,00 quando na realidade o salário líquido seria de apenas R\$850,00. Esta é uma das causas de estourar o orçamento, gastar mais do que realmente se ganha.

A preocupação com o dinheiro e com o endividamento já virou motivo de estudo que vem sendo realizado pelo professor Wesley Mendes, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP). Em artigo publicado no Jornal o Estado de São Paulo, o professor Mendes, em parceria com a professora Jill Norvilitis, da Buffalo State College, está realizando estudos sobre a preocupação de jovens, brasileiros e norte-americanos, em relação ao endividamento. De acordo com o professor Mendes, os jovens aprendem a lidar com dinheiro com os pais e a cultura e o meio influenciam tal relação. De acordo com o artigo a chance dos jovens norte-americanos se endividarem é maior que a dos brasileiros, uma vez que provavelmente seus pais estão ou estiveram endividados devido à falta de critérios de concessão de crédito que levou a crise hipotecária de 2008.

Muitos brasileiros gastam mais do que ganham por diversos motivos. De acordo com Pereira (2001) algumas vezes quando a pessoa briga com algum ente querido, para se sentir melhor elas vão às compras, são os chamados consumidores compulsivos, que enquanto estão fazendo compras se sentem melhor, pois de acordo com ela, comprar é prazeroso. Entretanto tais atitudes podem causar descontrole financeiro, levando as pessoas a gastarem mais do que ganham realmente.

De acordo com artigo da BM&F BOVESPA, publicado por V. Hernandez, antes de comprarmos devemos nos atentar a questões como, eu quero ou preciso? Muitas vezes compramos por impulso, por que queremos e não porque determinado produto seja realmente necessário. Se desejarmos ter controle sobre nossas finanças e não terminar sempre o mês no vermelho, devemos responder tais perguntas com toda sinceridade. No mesmo artigo, o autor afirma que muitos dos indivíduos que não conseguem saldar suas despesas e terminam o mês sempre no vermelho, mesmo tendo trabalhado, é devido à falta de planejamento financeiro.

Com o planejamento pode-se realizar a autogestão de suas finanças. O autor ressalta ainda, que através da autogestão consegue-se ter uma vida financeira com menos preocupações causadas pela falta de dinheiro, podendo, dessa forma, ter um futuro melhor para si e para seus filhos. Os pais são os exemplos dos filhos, e é através das atitudes e ações dos pais que as crianças vão agir no futuro, por essa razão é importante que os pais façam pesquisas e comparação de preços, além de ter consciência dos gastos. Scrivano, em artigo no jornal O Estado de São Paulo, afirma que tanto os jovens brasileiros quanto os de Nova York, concordam que é importante que os pais ensinem a comparar preços e é importante também que exista espaço para que as famílias possam conversar sobre o assunto.

Sabendo usar o dinheiro com prudência o mês terminará antes que o dinheiro, caso contrário o inverso ocorrerá. Quando se consegue o controle de suas finanças a parcela que sobra no fim de cada mês pode ser aplicada, fazendo assim que seu dinheiro se multiplique. Pereira (2001) diz que multiplicar é separar uma parte do que se ganha, como se fossem sementes. E como todas as sementes dão frutos, o mesmo acontecerá com seu dinheiro. Ela ainda ressalta que ganhar dinheiro não é o único fator de importância na vida dos indivíduos. Além de ganhar

dinheiro é preciso saber o que fazer com ele, é preciso multiplica-lo, porém de forma correta, usufruindo do mesmo, pois “dinheiro só serve para os vivos”. Deve-se usufruir do dinheiro de forma correta, fazendo sobrar uma parcela, mesmo que pequena, que poderá “dar frutos”, ou seja, poderá ser aplicada se transformando em mais dinheiro.

Através de pesquisas realizadas pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- pode-se observar como os gastos das família se distribuem.

Tabela 1 - Despesas monetária e não monetária média mensal familiar, por grupos de idade da pessoa de referência da família, segundo os tipos de despesa, com indicação do número e tamanho médio das famílias - Brasil - período 2008-2009

Tipos de despesa, número de famílias e tamanho médio das famílias	Despesas monetária e não monetária média mensal familiar (R\$)							
	Total	Grupos de idade da pessoa de referência da família						
		De 10 a 19 anos	De 20 a 29 anos	De 30 a 39 anos	De 40 a 49 anos	De 50 a 59 anos	De 60 a 69 anos	70 anos ou mais
Despesa total	2 626,31	1 238,34	1 816,44	2 435,19	2 964,50	3 130,17	2 815,40	2 128,98
Despesas correntes	2 419,77	1 204,44	1 682,17	2 196,41	2 722,98	2 898,39	2 607,38	2 021,28
Despesas de consumo	2 134,84	1 156,11	1 541,86	1 961,70	2 390,16	2 506,28	2 270,28	1 819,06
Alimentação	421,72	287,30	340,30	410,76	466,74	483,73	413,37	343,63
Habitação	765,89	415,13	504,17	675,05	819,32	873,97	893,77	801,06
Aluguel	334,89	199,93	215,73	279,76	341,55	387,96	407,43	392,62
Aluguel monetário	47,48	96,36	71,28	56,55	49,38	40,33	30,93	27,93
Aluguel não monetário	287,41	103,57	144,45	223,21	292,17	347,64	376,50	364,69
Serviços e taxas	183,90	90,53	114,93	157,62	204,34	225,66	205,18	175,30
Manutenção do lar	102,51	28,02	40,92	92,76	118,70	106,61	135,55	113,45
Artigos de limpeza	15,00	7,65	10,35	14,17	15,85	17,47	16,32	14,48
Eletrodomésticos	54,63	42,35	57,90	57,30	61,37	55,81	47,95	36,98
Outras	74,96	46,64	64,34	73,43	77,51	80,46	81,35	68,23
Vestuário	118,22	86,60	108,25	119,99	148,26	127,47	99,24	67,55
Transporte	419,19	149,43	315,89	416,97	500,51	529,14	383,33	221,51
Urbano	59,06	63,29	55,52	57,19	71,43	70,71	48,72	30,92
Combustível - gasolina e álcool	81,34	21,08	55,86	77,53	97,06	105,84	80,17	43,81
Aquisição de veículos	181,70	42,75	144,16	194,33	220,56	216,29	158,15	86,36
Outras	97,09	22,31	60,34	87,92	111,46	136,30	96,29	60,43
Higiene e cuidados pessoais	51,02	42,64	47,20	52,40	59,92	55,13	45,03	33,19
Assistência à saúde	153,81	40,04	70,35	95,32	141,64	182,73	243,23	240,16
Remédios	74,74	29,12	37,63	45,79	62,51	83,98	124,20	128,59
Plano/Seguro saúde	45,86	3,70	15,41	27,39	39,80	59,99	75,29	72,61
Outras	33,22	7,21	17,32	22,14	39,33	38,76	43,74	38,96
Educação	64,81	69,37	38,81	65,25	91,48	84,74	47,84	19,66
Recreação e cultura	42,76	28,16	37,03	42,42	52,44	48,88	37,41	24,81
Fumo	11,62	8,96	7,65	9,04	13,93	16,16	11,93	7,90
Serviços pessoais	23,85	12,97	17,47	21,97	28,15	27,54	24,30	18,85
Despesas diversas	61,95	15,53	54,75	52,53	67,78	76,78	70,84	40,75
Outras despesas correntes	284,93	48,33	140,32	234,71	332,82	392,10	337,10	202,21
Impostos	121,70	17,72	51,79	98,37	157,03	178,40	122,50	73,84
Contribuições trabalhistas	80,11	24,00	57,63	82,82	108,79	101,33	57,48	29,34

Pensões, mesadas e doações	30,10	3,12	12,71	26,50	29,40	39,98	40,23	30,17
Outras	53,02	3,49	18,19	27,02	37,60	72,40	116,89	68,86
Aumento do ativo	152,09	26,77	106,17	179,79	174,26	170,22	153,72	70,67
Diminuição do passivo	54,45	7,13	28,09	58,99	67,27	61,56	54,30	37,03
Número de famílias	57 816 604	291 015	7 112 584	12 357 647	13 517 384	10 933 765	7 592 146	6 012 063
Tamanho médio das famílias	3,30	2,64	2,99	3,57	3,68	3,37	2,96	2,53

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

Por meio da tabela acima, disponível pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- é possível analisar como os gastos das famílias se distribuem entre os vários setores, pode-se observar como esses gastos com consumo variam de família para família dependendo das idades.

É interessante observar aqui, mesmo que de forma bem sintetizada, o que a microeconomia chama de curva de indiferença, Rossetti (2002, p.452) diz que a curva de indiferença do consumidor significa “que ele poderá alcançar o mesmo grau de utilidade total com diferentes combinações de produto-quantidades”. De acordo com o autor todas as combinações proporcionariam aos consumidores o mesmo grau de satisfação, desde que estas combinações pudessem ser viáveis por um nível de renda disponibilizado para o consumo.

Dadas às combinações possíveis, da curva de indiferença, os consumidores terão suas escolhas limitadas pelo orçamento disponível, o que a microeconomia chama de restrição orçamentária, onde Rossetti (2002, p.453) afirma que:

[...] esta se define a partir dos preços dos produtos. Embora o consumidor possa ser indiferente a uma multiplicidade de combinações possíveis, dados os preços dos produtos envolvidos, a restrição orçamentária é o que indicará o ponto de máxima satisfação possível.

Para que se consiga separar o que será consumido e uma pequena parcela, se faz necessário o planejamento financeiro. Todas as famílias deveriam fazê-lo, pois através dele fica mais fácil organizar suas receitas e despesas. De acordo com Frankenberg (1999) planejamento financeiro pessoal significa estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família. Essa estratégia pode estar voltada para curto, médio ou longos prazos, e não é

tarefa simples atingi-la. E através desse planejamento que podemos controlar nossa vida financeira.

2.1 ORÇAMENTO E PLANEJAMENTO FINANCEIRO

O planejamento financeiro ajuda as famílias a controlar suas finanças e a poupar alguma quantia no final de cada mês, sendo assim possível fazer alguma aplicação financeira com o dinheiro poupado. De acordo com Frankenberg (1999, p. 77):

A ideia óbvia que está por trás de todo planejamento financeiro pessoal é a formação de uma poupança a partir da decisão de não gastar tudo o que se ganha. Para criar esse fundo de reserva, você terá que fazer algumas alterações em sua forma de gerir o orçamento doméstico, sacrificando alguns gastos que costuma fazer. Cada família terá que adotar cortes em itens de sua livre escolha. Quanto mais cortes, mais poupança estará sendo feita. Mês a mês, o fundo crescerá devido aos cortes e também em decorrência do rendimento das aplicações feitas com os montantes poupados.

Para Teló (2001, p. 21) “o planejamento financeiro estabelece o modo pelo qual os objetivos financeiros podem ser alcançados. Um plano financeiro é, portanto, uma declaração do que deve ser feito no futuro”. Por essa razão o planejamento financeiro deve ser realizado de forma consciente e com cautela, pois e por meio dele que se alcançará os objetivos propostos para o futuro.

De acordo com Pereira (2001) o orçamento financeiro pessoal é de fundamental importância para quem quer viver na abundância, pois através dele podem-se organizar as receitas e despesas, determinando seu estilo de vida. Fazendo o orçamento as pessoas ou famílias tem maior consciência de seus gastos, sabendo para onde vai todo o seu dinheiro no final do mês. De acordo com Luquet (2000) se você quiser fazer seu orçamento caber dentro do seu bolso, é preciso mirar nos gastos variáveis e arbitrários.

Quanto a orçamento, para Sandroni (1999, p. 434) em sua clássica definição “é a previsão das quantias monetárias que, num determinado período devem entrar e sair dos cofres”.

Através do orçamento financeiro, fica mais claro com o que se está gastando o dinheiro. É mais fácil saber quais os gastos que podem ser cortados e quais são os gastos fixos de todos os meses. E ao contrario do que pensam muitas pessoas, o planejamento financeiro não é inflexível. Frankenberg (1999) afirma que o planejamento financeiro de uma pessoa e de sua família para uma vida inteira não é, de maneira alguma, um conceito rígido e inflexível. Pois, cada um pode estabelecer metas para si próprio. Mas, uma vez que as defina, deve sempre mantê-las em sua mente e lutar com determinação para alcançá-las. De acordo com Palazolli e Vallin (2006) para auxiliar no planejamento faz-se necessário um orçamento familiar, onde todos os gastos são contabilizados, para podermos assim nos basearmos nas nossas receitas e despesas. Tal orçamento pode ser realizado como na figura 1.

Figura 1 – CONTROLE DE GASTOS

<i>Planilha de Orçamento Pessoal Mensal</i>			
<i>Mês:</i>			
		Valor	
Receitas	Salário		
	Aluguel		
	Pensão		
	Horas extras		
	13º salário		
	Férias		
	Outros		
	Total		R\$ 0,00
Investimentos			
	Tesouro Direto		
	Renda fixa		
	Previdência privada		
	% sobre Receita		
Despesas			
	Categoria	Despesa	
Aqueles que têm mensalmente		Condomínio	
		Seguro da casa	
		Mensalista	
	Transporte	Prestação do carro	
Variáveis Aqueles que acontecem todos os meses, mas podemos tentar reduzir	Habitação	Luz	
		Água	
		Telefone	
		Telefone Celular	
		Gás	
		Mensalidade de TV	
		Internet	
		Transporte	Metrô
	Alimentação	Combustível	
		Supermercado	
		Feira	
		Padaria	
Manicure			
	Academia		
	Clube		
	Total despesas variáveis		R\$ 0,00
	% sobre Receita		
Extras ordinárias, para as	Saúde	Médico	
		Hospital	

	Estacionamento	
	Plano de saúde	
	Faculdade	
	Impostos	IPVA
	Outros	Seguro de vida
% sobre Receita		

Saldo	Receita	R\$ 0,00
	Investimentos	R\$ 0,00
	Despesas variáveis	R\$ 0,00
	Despesas adicionais	R\$ 0,00
	Saldo	R\$ 0,00

Fonte: BM&F BOVESPA - adaptada pela autora

quais precisamos estar acontecendo	Manutenção/prevenção	Carro	
	Educação	Material escolar	
	Total despesas extras		R\$ 0,00
Adicionais precisam acontecer	Lazer	Viagens	
		Restaurantes/bares	
		Calçados	
		Acessórios	
	Outros	Presentes	
	Total despesas extras		R\$ 0,00
	% sobre Receita		

O orçamento pode ser feito conforme a planilha simplificada apresentada na figura 1, ou em uma simples planilha de Excel e até mesmo em algum caderno ou caderneta, onde será anotado todos os gastos do mês, separados por categorias. Por meio da planilha acima, pode-se fazer o controle dos rendimentos e dos gastos por categoria, sendo mais fácil observar quais são as categorias que apresentam maior peso nos gastos da renda, e o que pode ou não ser cortado ou diminuído.

Muitas famílias não controlam ou administram o quanto ganham e dessa forma gastam mais do que podem. Luquet (2000) afirma que muitas pessoas têm uma vaga ideia de seu patrimônio atual, nem de suas despesas mensais. Não sabem de quanto precisariam para passar o mês de forma confortável. Por viverem nessa completa desorganização financeira são levadas a crer que nunca poderão ser investidores. A autora ressalta que estão enganados e que basta organizar as finanças de forma criteriosa e realista, e ao fazê-la descobrirão que tem mais recursos do que imagina para fazer suas aplicações. Para saber qual o patrimônio de cada indivíduo, Frankenbeg sugere que faça um balanço patrimonial de todos os seus bens.

De acordo com Domingos (2007) devem-se colocar no orçamento todos os gastos, incluindo os pequenos como cafezinho, lanches, gorjetas e etc., pois estes pequenos gastos no fim do mês podem ter uma grande representação. Para Pereira (2001) é importante dar valor a unidade. Ela dá como exemplo os americanos que levam consigo 1 dólar na carteira para se sentirem com dinheiro. Porém nós, brasileiros, não damos tal valor a pequenas quantias. Pereira (2001 p. 60) ressalta:

...nós brasileiros não damos a menor importância a quantias pequenas não somos educados para obter grandes resultados partindo da unidade. Esse é um dos motivos - não o único- porque muitas pessoas vivem insatisfeitas, não realizam o que querem na vida e simplesmente culpam a falta de dinheiro.

Quando se fala em orçamento muitas vezes a reação é ruim, pois a maioria das pessoas relaciona a palavra orçamento com cortes. Pereira (2001) afirma tal fato e explica que muitas pessoas relacionam o orçamento com escassez, ao sofrimento por duas razões: a primeira é pelo fato de muitas pessoas viverem com menos do que gostariam e dessa forma, através do orçamento, precisarão escolher o que cortar. Porém todo corte machuca, dói e sangra então, o corpo e a mente, mesmo sabendo que o orçamento é necessário, não o fazem para evitar o sofrimento antecipado. A segunda razão, esta no fato, de uma pequena parcela da população ganhar mais do que gasta e para essas pessoas orçamento é coisa de pobre, coisa de quem vive apertado. Como estas pessoas não precisam fazer cortes, não precisam de orçamento. A realização do orçamento não necessariamente remete-se a corte nos gastos ou a gastar menos como muitos pensam. Soares e Alvim (2007) ressaltam que desenvolver um orçamento não é gastar menos, ou deixar de consumir, é apenas tomar melhores decisões sobre onde gastar, desta forma gasta-se menos com aquilo que é dispensável podendo gastar mais com o que é mais importante.

Para Soares e Alvim (2007) um bom plano financeiro se justifica pela conscientização dos indivíduos de que o controle sobre suas finanças deve ser exercidas por eles mesmos. Exercer tal controle não significa ser “pão-duro”, “mão fechada” e sim uma questão de melhor alocação dos recursos. Controlar as finanças não quer dizer não gastar, não comprar mais nada, mas sim que devem fazer melhor suas escolhas para não gastar dinheiro à toa.

É preciso planejar e seguir o orçamento, é importante ter sonhos, traçar e buscar seus objetivos, pois só assim será possível conquistar a tão sonhada liberdade financeira. De acordo com Domingos (2007) sem sonhos, sem desejos a pessoa não cresce. E todas as pessoas que se encontram em dificuldade financeira, comete o erro de pensar que não conseguirão prosperar. Para o autor eles seguem o raciocínio: “se não consigo nem pagar as contas básicas, como é que posso me dar ao luxo de sonhar com coisa melhor?”. Ele afirma que para melhorar é preciso não parar de sonhar, é preciso que renove seus sonhos, pois o sonho é o combustível para seguir na caminhada. Luquet (2000) ressalta ainda que não é preciso ser milionário para ter sua independência financeira, é necessário apenas ter planejamento.

Quando se consegue fazer um balanço dos bens, colocar todos os gastos e as receitas no orçamento e traçar um bom planejamento, fica mais fácil alcançar os objetivos traçados. Deve-se lembrar que toda mudança demanda um certo tempo, então não se conseguirá nada do dia para a noite, é preciso ter empenho e determinação. Depois de realizados o orçamento e o planejamento é necessário conhecer quais as aplicações existentes e quais você pode realizar.

3 SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL E MERCADO FINANCEIRO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Uma das conceituações do Sistema Financeiro Nacional pode ser:

Uma conceituação bastante abrangente de sistema financeiro poderia ser a de um conjunto de instituições que se dedicam, de alguma forma, ao trabalho de propiciar condições satisfatórias para a manutenção de um fluxo de recursos entre poupadores e investidores (FORTUNA, 1999, p. 12).

As operações entre os agentes econômicos superavitários e os deficitários acontecem no Mercado Financeiro, Fortuna (1999) ressalta que o mercado financeiro permite que qualquer agente econômico, sem perspectivas de aplicação, da poupança que é capaz de gerar, seja colocado em contato com outro, cujas perspectivas de investimento superam as respectivas disponibilidades de poupança. E é no mercado financeiro que essas transações acontecem. O sistema financeiro nacional é constituído por quatro grandes mercados, os quais se diferenciam devido a diferentes segmentos e prazos. De acordo com Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), são classificados em:

Tabela 2- Segmentos do Sistema Financeiro Nacional

SEGMENTOS	PRAZOS	FIM	INTERMEDIÇÃO
Monetário	Curtíssimo, curto	Controle da liquidez monetária da economia, suprimentos momentâneos de caixa.	Bancário e não-bancário
Crédito	Curto, Médio	Financiamento do consumo e capital de giro das empresas	Bancário e não-bancário
Câmbio	À vista, curto	Conversão de valores, em moedas estrangeiras e nacional	Bancário e auxiliar (Corretoras)
Capitais	Médio longo	Financiamento de investimentos, de giro e especiais (habitação)	Não-bancário

Fonte: Cavalcante, Misumi e Rudge, 2005. p. 15

Para regularizar e fiscalizar os mercados, o Sistema Financeiro Nacional conta com suas instituições normativas e entidades reguladoras. Constituindo-se, como define Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), por um sistema operativo e um sistema normativo, sendo eles:

- O subsistema normativo regula e controla o subsistema operativo. Essa regulação e controle exercida através de normas legais, expedidas pela autoridade monetária, ou pela oferta seletiva de crédito levada a efeito pelos agentes financeiros do governo.
- O subsistema operativo é constituído pelas instituições financeiras públicas ou privadas, que atuam no mercado financeiro.

Sistematizando a organização do Sistema Financeiro Nacional temos o quadro abaixo, como disponível no site do Banco Central, a composição do SFN:

Quadro 1 – Composição do Sistema Financeiro Brasileiro

Orgãos normativos	Entidades supervisoras	Operadores			
Conselho Monetário Nacional - CMN	Banco Central do Brasil - Bacen	Instituições financeiras captadoras de depósitos à vista	Demais instituições financeiras Bancos de Câmbio	Outros intermediários financeiros e administradores de recursos de terceiros	
	Comissão de Valores Mobiliários - CVM	Bolsas de mercadorias e futuros	Bolsas de valores		
Conselho Nacional de Seguros Privados - CNSP	Superintendência de Seguros Privados - Susep	Resseguradores	Sociedades seguradoras	Sociedades de capitalização	Entidades abertas de previdência complementar
Conselho Nacional de Previdência Complementar - CNPC	Superintendência Nacional de Previdência Complementar - PREVIC	Entidades fechadas de previdência complementar (fundos de pensão)			

Fonte: Banco Central do Brasil

O Sistema Financeiro Nacional se compõe de órgãos normativos e entidades supervisoras, os quais normatizam e fiscalizam todas as transações que ocorrem no mercado, por meio de seus operadores.

3.1 ENTIDADES SUPERVISORAS

O sistema financeiro conta com entidades supervisoras, que conforme disponível no site do Banco Central do Brasil são elas:

- Banco Central do Brasil - Bacen
- Comissão de Valores Mobiliários - CVM
- Superintendência de Seguros Privados - SUSEP
- Instituto de Resseguros do Brasil – IRB

Entre as entidades supervisoras está a CVM, a qual é responsável por fiscalizar o mercado de capitais.

3.1.1 CVM – Comissão de Valores Mobiliários

Para Fortuna (1999 p. 118):

É um órgão normativo o sistema financeiro, especificamente voltado para o desenvolvimento, a disciplina e a fiscalização do mercado de valores mobiliários não emitidos pelo sistema financeiro e pelo Tesouro Nacional basicamente o mercado de ações e debêntures.

A CVM foi criada em 1976 com a finalidade de fiscalizar e desenvolver o mercado de valores mobiliários. Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) afirma que a CVM é uma autarquia, vinculada ao Ministério da Fazenda, é administrada por quatro diretores e um presidente, os quais são nomeados pelo Presidente da República, e funciona como órgão de deliberação colegiada conforme regimento interno aprovado pelo Ministério da Fazenda.

De acordo com conteúdo disponível no site da CVM ficam estabelecidas as seguintes atribuições:

- registro de companhias abertas;
- registro de distribuições de valores mobiliários;
- credenciamento de auditores independentes e administradores de carteiras de valores mobiliários;
- organização, funcionamento e operações das bolsas de valores;
- negociação e intermediação no mercado de valores mobiliários;
- administração de carteiras e a custódia de valores mobiliários;
- suspensão ou cancelamento de registros, credenciamentos ou autorizações;
- suspensão de emissão, distribuição ou negociação de determinado valor mobiliário ou decretar recesso de bolsa de valores;

A CVM tem poderes para fiscalizar e normalizar todo o mercado mobiliário. Por meio de seus poderes ela age a fim de dar ao investidor condições para que este tenham confiança e conhecimento para realizarem suas aplicações. Através de seus instrumentos e sua atuação ela visa alcançar os seguintes objetivos:

- assegurar o funcionamento eficiente e regular dos mercados de bolsa e de balcão;
- proteger os titulares de valores mobiliários contra emissões irregulares e atos ilegais de administradores e acionistas controladores de companhias ou de administradores de carteira de valores mobiliários;
- evitar ou coibir modalidades de fraude ou manipulação destinadas a criar condições artificiais de demanda, oferta ou preço de valores mobiliários negociados no mercado;

- assegurar o acesso do público a informações sobre valores mobiliários negociados e as companhias que os tenham emitido;
- assegurar a observância de práticas comerciais equitativas no mercado de valores mobiliários;
- estimular a formação de poupança e sua aplicação em valores mobiliários;
- promover a expansão e o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações e estimular as aplicações permanentes em ações do capital social das companhias abertas.

Por meio de seus objetivos a CVM garante aos aplicadores segurança, e faz com que o mercado mobiliário se mantenha organizado.

3.2 MERCADO DE CAPITAIS E MERCADO DE AÇÕES

Em qualquer economia existem agentes que poupam e outros que demandam além de seus recursos financeiros. De acordo com Mueller (1996), uma empresa em fase de crescimento necessita de recursos para financiar seus projetos de expansão. O ideal seria que a empresa tivesse acumulado superávits no passado para poder financiar suas expansões com recursos próprios. Entretanto, muitas vezes esta condição não pode ser satisfeita. Uma das opções da empresa é recorrer ao mercado de crédito adquirindo financiamentos para a realização de seus projetos, porém, Mueller (1996), ressalta ainda, que contrair empréstimos junto a uma instituição financeira envolve o pagamento de juros e prazo determinado para saldar o montante financiado. Os pagamentos são compulsórios, independente de a empresa operar com lucro ou prejuízo.

Para buscar recursos, para os investimentos, no mercado de crédito devido as altas taxas de juros aplicadas no período, tal alternativa se tornava, dependendo do porte da empresa, inviável. As grandes empresas em geral

conseguiam crédito com maior facilidade, gerando um desafio ainda maior para as pequenas e médias empresas.

Andrezo (2002) mostra através de um estudo realizado pela Tendências – Consultoria Integrada para a Bovespa, que existem três caminhos para associar poupança a investimento: (1) o autofinanciamento, em que as empresas geram internamente seus próprios recursos para investir; (2) o Governo, quando financia certas atividades usando arrecadação de tributos ou a imposição de mecanismos compulsórios de poupança; (3) o financiamento via mercado financeiro e de capitais. O primeiro é o mais simples, primitivo e limitado; o segundo é limitado, sujeito a distorções e envolve algum mecanismo impositivo, seja na captação, seja na aplicação; o terceiro é comprovadamente o mais eficiente.

O mercado de capitais é uma das alternativas que as empresas têm de obter recursos para financiar seus investimentos, abrindo dessa forma o capital de sua empresa, transformando-a em uma “Sociedade anônima”. Quando a empresa opta por financiar seu crescimento através da emissão de ações, ela busca recursos para realizar seus investimentos que só serão devolvidos aos investidores através da distribuição de lucros, ou seja diferentemente do mercado de crédito, só serão devolvidos se houver lucro, Oliveira apud Mueller (1996) afirma que recursos oriundos de emissão de ações são devolvidos ao investidor através da distribuição de dividendos – pagamento de juros sobre o capital- e da retenção de lucros que, se forem adequadamente reaplicados, valorizarão o preço das ações no mercado.

O mercado de ações, segmento do mercado de capitais que opera com títulos de renda variável, objetiva canalizar recursos para as empresas através do capital de risco.

No mercado acionário, os investidores compram participação no empreendimento, dessa forma, o proprietário da empresa capta recursos para a mesma. O mercado de capitais se difere do mercado de crédito, pelo fato, de o investidor não emprestar dinheiro para a empresa, e sim adquirir uma participação desta, sendo esta participação realizada nos lucros futuros, não criando obrigações contratuais. Assim sendo, Rudge e Cavalcante (1996), concluem que a compra de participação pressupõe a noção de riscos, já que os demais credores da empresa

são preferenciais aos acionistas, ou seja, só é repartida com os acionistas a parte do lucro restante.

Cavalcante, Misumi, Rudge (2005) ressaltam a ideia de risco afirmando que o que motiva os acionistas é a expectativa de lucro, restando evidentemente que o lucro seja maior que a taxa de juros praticada no mercado de crédito. Pois caso a taxa de lucratividade seja maior seria mais interessante para o investidor aplicar seu dinheiro excedente no mercado de créditos.

A compra de parte de uma empresa é representada por títulos denominados ações. Castro apud Mueller (1996) explica que a ação é um título representativo da fração unitária do capital social de uma sociedade anônima ou companhia, denominação deste tipo de empresa na legislação brasileira, conferindo a seu proprietário o direito de participação nessa sociedade.

Pinheiro (2008) define o mercado de capitais como um conjunto de instituições que negociam títulos de dívidas e de patrimônio objetivando a transferência do dinheiro das partes que estão negociando suas operações de compra e venda. O risco de valorização é relacionado com a condição da empresa, risco este que é assumido pelo acionista. Por essa razão que o mercado acionário é considerado um investimento de risco.

Além de ser considerado um investimento de alto risco, os investimentos no mercado de capitais são também de longo prazo.

As operações no mercado de capitais usualmente são de longo prazo e podem envolver a compra de participação acionária no empreendimento. No mercado de capitais, os principais títulos negociados são os representativos do capital de empresas (ações) ou de empréstimos feitos via mercado por empresas (debêntures conversíveis, bônus de subscrição etc.) sem participação de intermediários bancários (CAVALCANTE; MISUMI; RUDGE, 2005 p. 17).

Juridicamente mercado de capitais e mercado financeiro se diferenciam, sendo assim dois mercados distintos, como explica Quiroga e Mosquera apud Andrezo (2002):

- Mercado Financeiro: predominantemente, nesse mercado, os bancos centralizam a oferta de capitais e atuam como partes nas intermediações, interpondo-se entre aqueles que dispõem de recursos e aqueles que necessitam de crédito. Assim, os bancos assumem os riscos das operações.

- Mercado de Capitais: Nesse mercado, as operações são em geral efetuadas diretamente entre poupadores e tomadores, de modo que a instituição financeira não atua, em regra, como parte na operação, mas como auxiliar, e cobra uma comissão por facilitar a realização dos negócios. A instituição financeira não capta nem empresta recursos em nome próprio; ela ajuda o tomador a captar recursos diretamente.

Millagi Filho (1995 p. 87) define uma ação como sendo:

[...] títulos que representam frações do capital de uma empresa. Esse tipo de empresa é denominado “Sociedade Anônima”; existe não um “dono”, mas vários. No caso brasileiro, não há empresas em que a figura de um “dono” foi diluída, porque o desenvolvimento do capitalismo é muito recente e concentrado em grupos familiares ou econômicos.

As ações são títulos que dão aos acionistas direitos na participação dos lucros da empresa através delas o investidor se torna um dos sócios da empresa de capital aberto. Para Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) uma ação é a menor parte representativa do capital da empresa. E o acionista não é um credor da empresa, e sim um dos sócios, um dos proprietários, podendo dessa forma exercer participação nos resultados da empresa de acordo com o número de ações que adquiriu. De acordo com disponível no site da Bovespa, as ações podem ser classificadas de duas formas:

- Ações ordinárias (ON): concedem direito a voto nas assembleias da empresa.
- Ações preferenciais (PN): oferecem preferência no recebimento de resultados ou no reembolso em caso de liquidações da companhia, porém não concedem direitos a voto.

Ainda sobre as ações Cavalcante, Misumi e Rudge (2005 p. 46) ressaltam que:

[...] ações, normalmente, não possuem prazo de resgate e podem ser negociadas em mercados organizados (Bolsas de Valores). Por serem objetos de negociação diária, os preços das ações podem aumentar ou diminuir de acordo com o maior ou menor interesse dos investidores.

A economia precisa de capital para poder crescer, para isso é necessário que as empresas promovam investimentos para a acumulação de capital e o aumento da produtividade. Através dos investimentos feitos pelas empresas a economia do país terá recursos para promover o investimento em suas atividades, crescer e se desenvolver.

De acordo com Pinheiro (2008) não há dúvida, portanto, que os investimentos realizados na economia são considerados fundamentais para o crescimento econômico. O autor ainda afirma que o mercado de capitais é fundamental para o crescimento econômico do país por aumentar as alternativas de financiamento, permitir a redução do custo do financiamento, distribuir os riscos inerentes à operação e popularizar o acesso ao mercado de capitais, principalmente às pessoas físicas que desejam realizar suas aplicações.

Para Samuelson e Nordhaus, o crescimento econômico representa a expansão do Produto Nacional Bruto de um país, ou seja, é a expansão de sua capacidade de produção. Nesse sentido, não é um conceito abstrato, mas algo extremamente relevante, uma vez que significa, em última instância, o crescimento dos salários e o aumento dos níveis de bem-estar. Nas economias de mercado avançadas é determinado fundamentalmente pelo crescimento dos fatores de produção (especialmente, o trabalho e o capital) e pelo progresso tecnológico (ANDREZO, 2002 p. 12).

As empresas precisam de recursos para realizar seus investimentos e a economia precisa desses investimentos para crescer, e uma boa opção para as empresas ampliarem e realizarem seus investimentos é por meio do mercado de capitais, visto que os custos desse recurso são menores do que a empresa recorrer ao mercado de crédito. É interessante comentar que cada empresa deverá passar por um processo de análise antes da abertura do capital, e através dessa análise será constatado se abrir o capital será a melhor opção para aquela empresa. Dessa forma Fortuna (1999) conclui que o mercado financeiro é considerado o elemento dinâmico no processo de crescimento econômico, dado que através deles elevam-se as taxas de poupança e investimento. Para Deschatre (2009 p. 31) “o nível de desenvolvimento de uma economia é diretamente proporcional ao grau de atividade de seu mercado de capitais”. Para ele com maior grau de desenvolvimento

econômico, pode gerar melhores condições e oportunidades para que os agente ou instituições apliquem suas poupanças.

3.2.1 Mercado Acionário no Brasil e Bolsa de Valores

No Brasil o mercado de capitais não era muito difundido, devido as elevadas taxas de inflação e a instabilidade econômica que aqui existia. Até a década de 60, os brasileiros preferiam investimentos em ativos reais, e não no mercado financeiro como enfatiza a própria CVM:

Antes da década de 60, os brasileiros investiam principalmente em ativos reais (imóveis), evitando aplicações em títulos públicos ou privados. A um ambiente econômico de inflação crescente -principalmente a partir do final da década de 1950 - se somava uma legislação que limitava em 12% ao ano a taxa máxima de juros, a chamada Lei da Usura, também limitando o desenvolvimento de um mercado de capitais ativo.

Conforme informações disponíveis no Portal do Investidor é a partir de 1964 que a situação brasileira começa a mudar, quando o Governo inicia um programa com grandes reformas na economia nacional, dentre as quais estava à reestruturação do mercado financeiro, onde várias leis foram editadas. No decorrer dos anos vários incentivos foram concedidos, várias mudanças foram realizadas, novas leis foram criadas e foi nesse período que a CVM – Comissão de Valores Mobiliários- foi criada, porém foi apenas na década de 90 que o mercado de capitais brasileiro começou a acelerar. O Portal do Investidor enfatiza tal fato dizendo

A partir de meados da década de 1990, com a aceleração do movimento de abertura da economia brasileira, aumenta o volume de investidores estrangeiros atuando no mercado de capitais brasileiro. Além disso, algumas empresas brasileiras começam a acessar o mercado externo através da listagem de suas ações em bolsas de valores estrangeiras, principalmente a New York Stock Exchange, sob a forma de ADR's - American Depositary Reciepts com o objetivo de se capitalizar através do lançamento de valores mobiliários no exterior.

As Bolsas de Valores no mundo são o retrato fiel do comportamento da economia de um país. Por ser termômetro da economia e motivo de grandes

especulações e consequentes crises que abalam fortemente as estruturas de um mercado.

No Brasil, atualmente, as bolsas são organizadas sob a forma de sociedade por ações (S/A), regulada e fiscalizada pela CVM. As bolsas têm ampla autonomia para exercer seus poderes de autorregulamentação sobre as corretoras de valores que nela operam. Todas as corretoras são registradas no Banco Central do Brasil e na CVM.

De acordo com o site *O Portal do Investidor* “as bolsas de valores são instituições administradoras de mercados”. A instituição explica ainda que “as bolsas de valores são também os centros de negociação de valores mobiliários, que utilizam sistemas eletrônicos de negociação para efetuar compras e vendas desses valores”.

No Brasil, não se tem dados da existência de qualquer tipo de instituição organizada até o século XVIII, encontrava-se apenas indivíduos que exerciam a função de banqueiros e até mesmo corretores. O desenvolvimento da Bolsa no Brasil está ligado ao desenvolvimento da estrutura financeira do país.

Com o surgimento da primeira bolsa de valor no Brasil, várias outras foram sendo criadas em vários estados brasileiros para atender a cada uma das regiões.

No passado, o Brasil chegou a ter nove bolsas de valores, mas atualmente a BM&FBOVESPA é a principal. A BM&FBOVESPA foi criada em maio de 2008 com a integração entre Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) e Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA), tornando-se a maior bolsa da América Latina, a segunda das Américas e a terceira maior do mundo. Nela são negociados títulos e valores mobiliários, tais como: ações de companhias abertas, títulos privados de renda fixa, derivativos agropecuários (commodities), derivativos financeiros, entre outros valores mobiliários.

Por meio de palestras e materiais disponíveis pela Blue Trade Invest, pode-se concluir que ainda hoje no Brasil o mercado de ações é pouco difundido, diferentemente dos outros países onde a maioria da população tem conhecimento sobre o que é o mercado acionário e a bolsa de valores e grande parte da população tem suas economias aplicadas em ações das companhias de capital aberto.

3.3 A POPULAÇÃO BRASILEIRA E O INVESTIMENTO NA BOLSA DE VALORES

Pinheiro (2008 p. 120),

Para que você consiga realizar sua primeira aplicação em bolsa, é preciso educação financeira. Você deve ter controle de suas contas, de forma que suas receitas consigam pagar duas despesas e, depois disso, sobrem recursos para comprar ações. Outro detalhe, se esses recursos a serem aplicados forem importantes para cobrir despesas emergenciais e imprevisíveis, aconselho a você fazer sua aplicação em produtos financeiros de curto prazo. O mercado de ações é um mercado de longo prazo.

Muitos brasileiros não têm controle sobre suas finanças, vivendo em completa desorganização financeira. Em vários casos, eles não tem controle sobre as finanças e nem mesmo conhecimento sobre mercado financeiro e as aplicações na Bolsa de Valores. Devido a estes fatores pensam que aplicações em ações é apenas para pessoas com posses e que tal investimento por ser de alto risco fará com que percam seu dinheiro. Podemos verificar tal acontecimento no Guia de Finanças Pessoais (2000 p. 12), da Folha de São Paulo, onde afirma que:

Por viverem em completa desorganização financeira, são levadas a crer que jamais terão o suficiente para ser um investidor. Isto é um engano. Ao organizar suas finanças com critérios definidos e sendo bastante realista com suas receitas e despesas, você acabará por descobrir que tem mais recursos do que imagina para fazer suas aplicações.

Entre os obstáculos existentes para a população brasileira aplicar seus recursos, está o fato de

No Brasil, pouca ou nenhuma educação financeira, muitos anos de inflação, desinformação e erros cometidos por sucessivos governos do passado resultaram em conceitos financeiros errôneos, absorvidos sem contestação e passivamente pela população (FRANKENBERG, 1999. p. 39).

Fazer uma aplicação no mercado acionário pode ser para qualquer indivíduo que tenha sua vida financeira bem organizada, conseguindo através de planejamento e seguindo seu orçamento ter excedentes nos seus rendimentos. Com

o dinheiro excedente, os agentes realizam aplicações, sendo as mais comuns na poupança que apresenta rendimentos mensais bem inferiores aos que o mercado acionário pode oferecer. Entre os impasses para a realização das aplicações na bolsa de valores está a insegurança dos investidores, devido ao fato de não terem conhecimento sobre o seu funcionamento. Em um artigo intitulado “Vício em segurança” da Revista Isto é Dinheiro, Pressinott (2012 p. 83) afirma que os investidores na maioria dos casos preferem aplicações conhecidas mesmo que estas apresentem resultados menos rentáveis. Ela ainda ressalta,

Uma característica conhecida como efeito familiaridade leva o cérebro a associar o que é conhecido com segurança. Na hora de investir, isso significa preferir aplicações conhecidas, embora menos rentáveis.

No caso brasileiro ainda são poucas pessoas que tem algum conhecimento sobre o funcionamento das bolsas de valores. Em muitos casos falta educação financeira, em outros falta interesse e até curiosidade em saber como a bolsa funciona. Outra questão que faz a bolsa ser pouco popular é a questão cultural e até mesmo psicológica dos brasileiros. Mais a frente poderá ser observada nas tabelas como a população brasileira está participando das aplicações na bolsa de valores.

Muitos brasileiros ainda pensam que a Bolsa é um cassino. Acreditam que poucos são capazes de ganhar com ações e que, se eles se atreverem a entrar, sairão como perdedores. Infelizmente, estão ignorando um dos melhores instrumentos para fazer crescer seu dinheiro poupado. (HALFELD, 2005 p. 71)

Pressinott (2012) ressalta ainda que além de temerem o risco das aplicações, muitos investidores tem preguiça de pensar no que consideram complicado. Dessa forma muitas vezes se acomodam com o que já conhecem com preguiça de estudar e buscar informação sobre novas formas de investimentos, que em muitos casos podem ser mais rentáveis, embora tenham maiores riscos.

Atualmente algumas corretoras de valores, estão colocando a disposição de novos investidores aulas, palestras e cursos completos sobre aplicação na bolsa. A BM&F BOVESPA, também vem fazendo alguns projetos para levar aos jovens o conhecimento desse mercado, visando popularizar o mercado

acionário brasileiro. De acordo com artigo “Investir em bolsa, questão de classe?” de Rosa Symanski (2012) as corretoras e a BM&F BOVESPA vem realizando tais programas para incentivar os investimentos em ações, visando alcançar em 2014 o número de 5 milhões de investidores. Nos Estados Unidos esse processo é bem mais avançado e o mercado acionário é bem difundido chegando a ter 50% da população norte americana com aplicações na bolsa. No mesmo artigo, o diretor da empresa Quorum Brasil, Claudio Siqueira, afirma que nos últimos anos pode-se verificar que a classe C está se interessando por aplicações em bolsa. O crescimento do número desses investidores ainda é bem tímido se comparado com o tamanho dessa camada da população. Para Siqueira o nível de desinformação a respeito desses investimentos ainda é bem elevado, para ele nem mesmo os gerentes dos bancos são capazes de oferecer orientação para os investidores iniciantes. Dessa forma faz-se necessário muito trabalho ainda para atrair cada vez investidores novos para este mercado.

Quadro 2- Distribuição de Investidores em Julho/2012 por estado da Federação

Estado	Contas			Valor (R\$ bilhões)			%
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	
<i>SP</i>	185.226	66.405	251.631	37,99	10,20	48,19	46,94%
<i>RJ</i>	70.076	25.945	96.021	19,95	7,18	27,13	26,43%
<i>MG</i>	35.288	10.656	45.944	4,43	1,08	5,52	5,37%
<i>RS</i>	32.120	9.691	41.811	4,91	1,72	6,62	6,45%
<i>SC</i>	16.529	4.311	20.840	2,18	0,60	2,78	2,71%
<i>PR</i>	24.841	7.185	32.026	2,76	0,64	3,40	3,31%
<i>BA</i>	11.686	3.424	15.110	1,50	0,40	1,90	1,85%
<i>DF</i>	14.060	4.347	18.407	1,66	0,24	1,90	1,85%
<i>ES</i>	8.666	2.546	11.212	0,95	0,09	1,04	1,02%
<i>PE</i>	6.924	2.150	9.074	0,70	0,17	0,87	0,84%
<i>CE</i>	4.661	1.274	5.935	0,59	0,33	0,92	0,89%
<i>GO</i>	5.135	1.394	6.529	0,46	0,05	0,51	0,49%
<i>PB</i>	2.051	625	2.676	0,16	0,05	0,20	0,20%
<i>MT</i>	2.792	724	3.516	0,38	0,06	0,44	0,42%
<i>MS</i>	2.799	795	3.594	0,17	0,05	0,22	0,21%
<i>PA</i>	2.360	706	3.066	0,17	0,02	0,20	0,19%
<i>RN</i>	2.197	552	2.749	0,17	0,03	0,21	0,20%
<i>AM</i>	1.752	464	2.216	0,13	0,02	0,14	0,14%
<i>MA</i>	1.559	468	2.027	0,10	0,01	0,11	0,11%
<i>AL</i>	1.242	366	1.608	0,10	0,01	0,11	0,11%

<i>SE</i>	1.360	329	1.689	0,09	0,01	0,11	0,10%
<i>PI</i>	822	205	1.027	0,05	0,01	0,06	0,06%
<i>RO</i>	783	221	1.004	0,04	0,01	0,05	0,05%
<i>AP</i>	159	51	210	0,01	0,00	0,01	0,01%
<i>AC</i>	242	53	295	0,01	0,00	0,01	0,01%
<i>RR</i>	178	60	238	0,01	0,00	0,01	0,01%
<i>TO</i>	401	97	498	0,01	0,00	0,02	0,02%
TOTAL	435.909	145.044	580.953	79,68	22,98	102,66	

Fonte: BM&F BOVESPA.

Conforme dados disponíveis pela BM&F BOVESPA, podemos observar, no quadro 2, que o maior número de investidores pessoa física no mês de junho de 2012 se concentra no estado de São Paulo, tanto em número de investidores em quanto valores aplicados. Observamos que em vários estados, principalmente na região norte, as aplicações são baixíssimas, apresentando apenas 0,01% das aplicações.

De acordo com alguns dados disponíveis pela BM&F BOVESPA podemos perceber que o número de investidores pessoas físicas vem se elevando no decorrer dos anos, conforme o quadro abaixo, porém ainda tem um número de investidores muito pequeno visto o tamanho de nossa população.

Quadro 3- Distribuição da participação de homens e mulheres no total de investidores pessoa física.

Distribuição da participação de homens e mulheres no total de investidores pessoa física					
Ano	Homens		Mulheres		Total PF
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
2002	70.219	82,37%	15.030	7,63%	85.249
2003	69.753	81,60%	15.725	8,40%	85.478
2004	94.434	80,77%	22.480	9,23%	116.914
2005	122.220	78,76%	32.963	1,24%	155.183
2006	171.717	78,18%	47.917	1,82%	219.634
2007	344.171	75,38%	112.386	4,62%	456.557
2008	411.098	76,63%	125.385	3,37%	536.483
2009	416.302	75,37%	136.062	4,63%	552.364

2010	459.644	75,24%	151.271	4,76%	610.915
2011	437.287	74,98%	145.915	5,02%	583.202
2012	435.909	75,03%	145.044	4,97%	580.953

Fonte: BM&F BOVESPA.

Pode-se observar, conforme a quadro 3, que de 2002 até 2011 a participação das mulheres na distribuição dos investimentos aumentaram em cerca de 870%, passando de 15.030 investidoras para 145.915 em 2011. Os homens ficaram com uma elevação de mais de 520% no mesmo período do número de investidores individuais na Bolsa de Valores brasileira. Observa-se que nesses dez anos houve um grande aumento dos investimentos, porém ainda está bem longe de ser uma prática popular no Brasil. Deschatre (2009) afirma que infelizmente no Brasil mesmo com os avanços tecnológicos e a entrada de novos investidores, ainda são poucos que investem suas economias em ações, e a desinformação parece ser a maior responsável por esse baixo índice. Ele ressalta ainda que esta proporção tende a mudar, visto o que a partir dos anos 2000 começa a demonstrar crescimento o número de investimentos em ações devido algumas facilidade como a realização de tais operações on-line.

Outra distribuição dos investidores é a por idade, como pode-se observar na quadro 4.

Quadro 4 – Perfil Pessoa Física do Faixa etária

Perfil PF por Faixa etária	Contas			Valor (R\$ bilhões)			%
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	
<i>Até 15 anos</i>	1.287	893	2.180	0,31	0,17	0,48	0,45%
<i>De 16 a 25 anos</i>	17.576	4.406	21.982	0,52	0,25	0,77	0,72%
<i>De 26 a 35 anos</i>	106.598	31.929	138.527	3,97	1,22	5,19	4,83%
<i>De 36 a 45 anos</i>	100.415	31.038	131.453	10,99	3,13	14,11	13,15%
<i>De 46 a 55 anos</i>	86.863	30.360	117.223	15,12	4,44	19,56	18,22%
<i>De 56 a 65 anos</i>	68.568	25.703	94.271	19,61	4,87	24,48	22,80%
<i>Maior de 66 anos</i>	53.470	20.207	73.677	32,80	9,98	42,78	39,84%
TOTAL	434.777	144.536	579.313	83,31	24,06	107,37	

Fonte: BM&F Bovespa.

Através do quadro 4 é possível perceber como se distribuem os investidores por faixa etária, e qual o valor em reais das aplicações em diferentes níveis de idade. Pode-se constatar que entre as idades de 26 a 35 anos está a maioria dos investidores, tanto homens quanto mulheres. Porém, são os maiores de

66 anos que representam o maior montante de investimento em reais, enquanto nesta faixa etária a participação de homens é mais que a metade dos homens com idade entre 26 a 35 anos.

De acordo com Brum (2008) por investidores podemos entender que são indivíduos ou instituições que fazem a aplicação de seus recursos visando ganhos de médios e longos prazos, fazem essas aplicações na bolsa de valores por meio das corretoras de valores mobiliários, que tem como função executar as ordens de compra e venda de ações dos investidores.

Para escolher de forma correta quais aplicações realizar além de buscar algumas informações sobre o funcionamento do mercado de capitais, o investidor precisa conhecer o seu perfil, o qual é pode ser definido através de parâmetros como a idade do investidor, qual o objetivo de retorno da aplicação, o prazo disponível para a utilização dos recursos aplicados e qual o grau de risco que o investidor pretende assumir. Por meio desses parâmetros Brum (2008) classifica o investidor em três categorias, sendo:

- Investidor com perfil conservador
- Investidor com perfil moderado
- Investidor com perfil agressivo

Brum (2008) define o investidor de perfil conservador como aquele que não gosta de se expor ao risco e tem seu horizonte de investimentos de curto prazo. Para este investidor a segurança vem em primeiro lugar, dessa forma investimentos na poupança e em imóveis fazem parte do seu perfil. Já o investidor com perfil moderado se permite correr um pouco mais de risco. Este tipo de investidor tem horizonte de investimentos de longo prazo buscando maiores retornos. Aplica parte de seus recursos em renda variável (ações). Por fim, temos os investidores de perfil agressivo, os quais gostam de aplicar seus recursos em longo prazo, esperando assim rendimentos bem superiores. Estes alocam a maior parte de seu portfólio em ações ou fundos de renda variável.

Quanto ao risco, sabe-se que o mercado acionário é o que apresenta maiores rentabilidades, porém com maiores riscos. Deschatre (2009) afirma dizendo que as ações são ativos de renda variável, dessa forma sua rentabilidade não são previamente garantidas aos investidores. Os investidores recebem a participação

nos lucros, após todos os custos terem sido cobertos, dessa forma a rentabilidade das ações depende de uma série de variáveis. E é por essa razão que o mercado acionário é considerado um mercado para aplicações de logo prazo.

Ainda sobre o risco, Brum (2008) nos dá algumas das classificações:

- O risco de mercado: associado as oscilações de preço de um ativo em razão de vários fatores, econômicos, políticos, situações individuais da empresa etc.
- O risco de liquidez: consiste na dificuldade do investidor conseguir encontrar compradores potenciais no momento e no preço que deseja.
- O risco de crédito: representa o risco do emissor do título não honrar o principal ou o pagamento de juros.

Além de conhecer alguns dos riscos aos quais os investidores estão submetidos, vale conhecer também como o desempenho da Bolsa de valores é medido. O desempenho da Bolsa de Valores pode ser medido pelo Ibovespa, que de acordo com a própria BM&F Bovespa (2008, p. 3):

[...] é o mais importante indicador do desempenho médio das cotações do mercado de ações brasileiro. Sua relevância advém do fato de o Ibovespa retratar o comportamento dos principais papéis negociados na BOVESPA e também de sua tradição, pois o índice manteve a integridade de sua série histórica e não sofreu modificações metodológicas desde sua implementação, em 1968.

Dessa forma fica claro quais são alguns dos riscos que um investidor assume ao comprar a participação em uma empresa e também como o desempenho da bolsa é medido. Mesmo com os riscos o mercado acionário pode apresentar os melhores rendimentos para os investidores como para a economia como um todo, uma vez que ao aplicar seus recursos no mercado acionário o investidor estará injetando recursos nas empresas de capital aberto para que estas possam realizar seus investimentos e dessa forma fazer com que a economia nacional cresça, pois poderá elevar o nível de emprego e melhorar a qualidade de vida da população. Ao mesmo tempo em que ajuda a economia a crescer, estará buscando rendimentos mais rentáveis para seus recursos, pois o mercado acionário apresenta rentabilidade

bem superior que a poupança, como se pode observar na figura 2, o Ibovespa apresenta retornos financeiros superiores as demais aplicações.

Figura 2 - Retorno Acumulado no período de 02/01/2002 até 12/03/2012

Fonte: InTrader

Retorno acumulado - 02/01/2002 até 12/03/2012 (diária)		
Ativo	Retorno	Retorno YTD*
CDI	302,41%	1,94%
Dólar	-21,75%	-3,20%
Ibovespa	388,94%	16,97%
IGP-M	119,62%	0,32%
Ouro	351,16%	2,11%
Poupança	124,18%	1,31%



De acordo com a figura acima, pode-se observar que mesmo com grandes oscilações, principalmente no período referente ao ano de 2008 que mostrou uma queda significativa, o retorno financeiro de um indivíduo que fez suas aplicações na bolsa foi muito superior ao que aplicou na poupança. As demais aplicações também mostraram rendimentos bem inferiores aos do Ibovespa, exceto o ouro que mostra ter resultado parecido com as aplicações na bolsa.

Ainda observando a figura 2, consegue-se perceber o quão imprevisível é o mercado, e como todos os fatores psicológicos, antes discutidos, influenciam na tomada de decisão. Observa-se que sempre acontece uma queda, mas que são seguidos por altas, por essa razão as aplicações no mercado de capitais precisam ser a longo prazo, e os investidores precisam ter controle

principalmente sobre seus graus de impaciência, para que o retorno possa ser satisfatório para ambas as partes envolvidas nesse processo.

3.4 INTERAÇÃO DAS UNIDADES FAMILIARES E DAS EMPRESAS E OS FLUXOS REAL E MONETÁRIO

Na atualidade, o dinheiro se tornou elemento essencial para os agentes econômicos, pois sem ele as trocas não são possíveis. Rossetti (2000 p. 183) afirma que a moeda é o “elo de interligação das transações praticadas pelos agentes econômicos”. Através dessas relações temos os fluxos econômicos que se dividem em fluxo real e fluxo monetário.

Rossetti (2002) define o fluxo real como sendo onde se constituem os suprimentos de recursos de produção, de seu emprego e a combinação feita pelas unidades produtivas, e a geração de bens e serviços finais e intermediários resultantes. Este é chamado de real, por se tratar das condições físicas, tendo de um lado o emprego dos fatores de produção e de outro o produto agregado. O fluxo monetário, ainda de acordo com Rossetti (2000), é a contra partida o fluxo real. No fluxo monetário temos de um lado os pagamentos aos fatores de produção empregados e de outro, o preço pago por bens e serviços adquiridos. É importante ressaltarmos que no fluxo monetário cada fator de produção tem sua respectiva remuneração, na tabela a seguir podemos observar cada tipo de fator de produção com sua remuneração.

Tabela 3- Fatores de Produção e suas Remunerações

Fatores de produção	Remunerações correspondentes
Trabalho	Salários
Capital	Aluguéis Arrendamentos Depreciações
Tecnologia	Royalties Direitos de propriedade
Empresariedade	Lucros Dividendos
Excedentes Financeiros	Juros

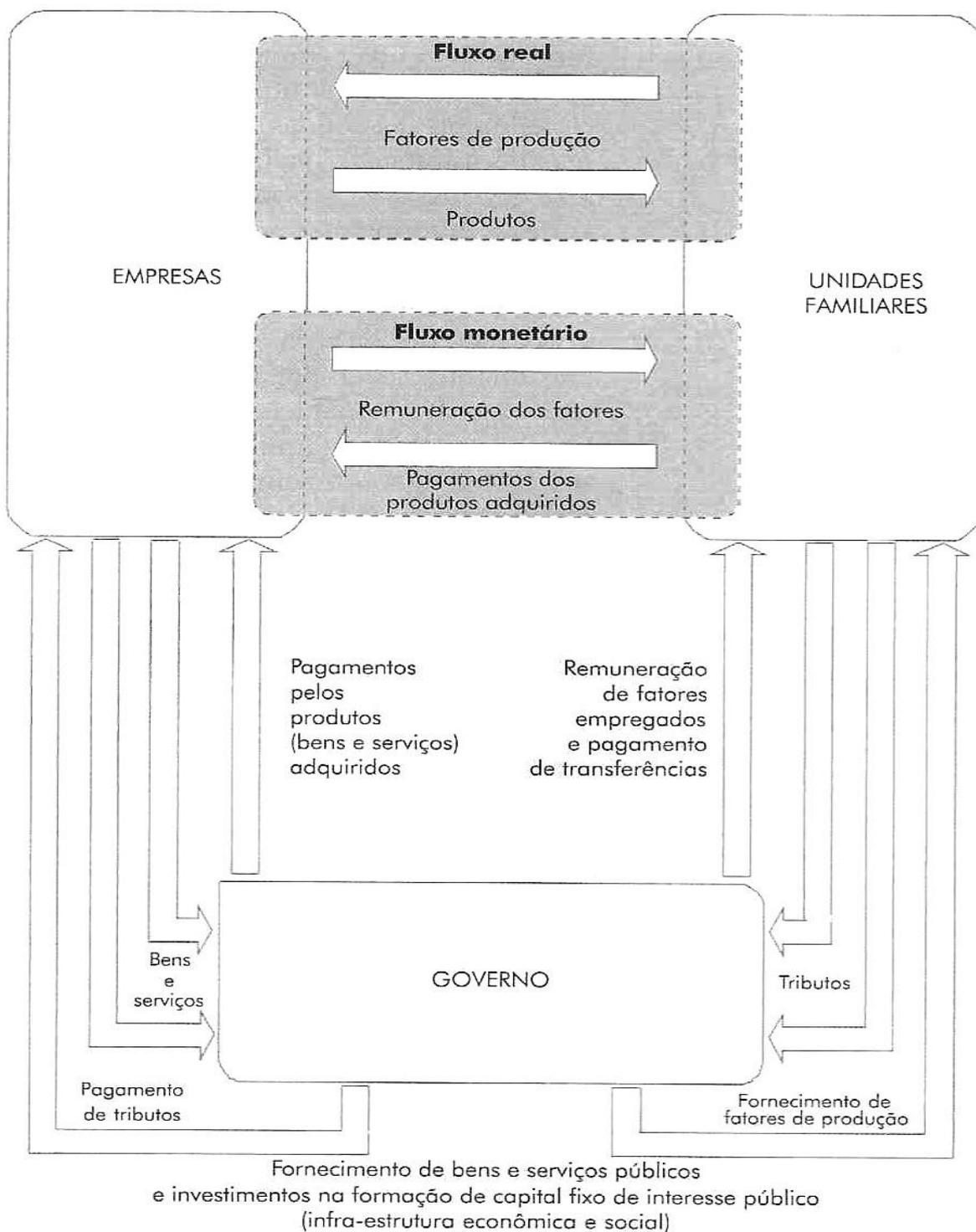
Fonte: Rossetti, José Paschoal, 2000 p. 184

Através da tabela 3 podemos observar que um dos fatores de produção é o excedente financeiro que é remunerado pelos juros, que são pagos aos agentes superavitários.

Por fim, há uma importante categoria de fluxo monetário, o pagamento de juros. Ele resulta da remuneração dos excedentes financeiros que os agentes econômicos superavitários colocam à disposição de agentes deficitários, para o financiamento de investimentos ou de consumo (ROSSETTI, 2000 p. 184).

Temos a relação dos fluxos real e monetário de forma simplificada, onde há apenas as famílias ofertando trabalho e demandando produtos e as empresas ofertando produtos e demandando empregos. De forma mais realista é preciso incorporar o papel do governo nessa relação dos fluxos, como podemos ver no quadro abaixo.

Figura 3 – Interação das unidades familiares, empresas e governo e a Interdependência dos Fluxos Econômicos.



Fonte: Rossetti, José Paschoal, 2000. *Introdução à Economia*, p. 187.

Através da exemplificação dos fluxos, podemos observar, mesmo que de forma simplificada, o funcionamento da economia, onde as famílias ofertam as empresas os fatores de produção, e as empresas por sua vez demandam das famílias os fatores de produção. As famílias recebem suas respectivas remunerações, as quais são devolvidas as empresas na aquisição de bens e serviços. Quando o governo é inserido, o poder de compra das unidades familiares, assim como o das empresas, diminui devido à incidência de impostos, porém o governo irá ofertar bens e serviços públicos e demandará mão de obra para que a produção possa ser realizada.

Para Singer (2000 p. 43),

Famílias, empresas e governos têm rendimentos e fazem gastos. Os mais ricos destes agentes gastam menos do que ganham, do que resulta certa poupança; os mais pobres, pelo contrário, gastam mais do que ganham. Os primeiros constituem unidades superavitárias, os últimos deficitárias. E há muitos que ficam o meio: gastam mais ou menos o que ganham. O que importa aqui é que as unidades superavitárias tendem a aplicar seus rendimentos não gastos e intermediários financeiros, tais como bancos, fundos de investimento, contratos de seguro ou fundos previdenciários. As unidades deficitárias financiam seu excesso de gastos tomando dinheiro emprestado daqueles intermediários.

Dessa forma, as famílias ofertam mão de obra recebendo seu pagamento, que volta para as empresas não somente na aquisição dos produtos, mas também em formas de aplicações financeiras da parte dos rendimentos que conseguem guardar.

3.5 PROGRAMA DE POPULARIZAÇÃO DO MERCADO DE CAPITAIS

A BM&F BOVESPA visando à popularização do mercado de capitais coloca em prática vários programas, com o intuito de levar até a população o conhecimento sobre o mercado de capitais, seus funcionamentos e a forma como ele pode ajudar no crescimento da economia do país.

Cada programa se diferencia por ter um público alvo distinto, podendo desta maneira atrair a população, fazendo com que seja manifestado um certo interesse em conhecer o funcionamento do mercado de capitais.

A seguir encontra-se um breve resumo de cada um dos programas realizados pela BM&FBOVESPA com o objetivo de popularizar o mercado de capitais brasileiro, que podem ser consultados no site da BM&F BOVESPA.

- **Desafio BM&FBovespa**

O Desafio BMF&BOVESPA é um programa educacional criado em 2006 e aberto para à participação das escolas públicas e particulares do Ensino Médio do Estado de São Paulo. Nesse desafio, os alunos participantes conhecem o funcionamento do mercado na teoria e na prática, através de uma competição e concorrem a prêmios. As escolas fazem suas inscrições sendo 210 sorteadas para participarem da competição, que acontece na própria BM&FBOVESPA. As escolas participantes são divididas em 6 grupos de 35 escolas, onde cada grupo compete entre si e as 5 melhores de cada grupo são classificadas para a grande final. A competição acontece por eliminatórias, que são realizadas durante um sábado por mês.

- **BM&FBOVESPA vai até você**

O programa BM&FBOVESPA vai até você é uma iniciativa de tentar levar a vários setores da sociedade conhecimento sobre o mercado de capitais a fim de popularizá-lo. O programa foi criado em 2002, e tem seu sucesso por apresentar uma linguagem simples e didática, que explica o funcionamento do mercado e qual é o papel da bolsa de valores na negociação de produtos como ações, fundos, contratos futuros, apresentando assim alternativas para a formação de poupança e patrimônio.

O programa conta com uma estrutura de estantes e unidades móveis, nos quais as equipes de promotores de negócios atendem o público, fazendo esclarecimentos aos visitantes, explicando o funcionamento do mercado e

respondendo dúvidas. Há também palestras, que são realizadas aos interessados nos auditórios das instituições visitadas. As palestras são ministradas com recursos audiovisuais desenvolvidas para o programa e também distribuindo materiais didáticos.

- **Mulheres em Ação**

Com a criação, em 2002, de Bovespa vai até você, percebe-se o interesse do público feminino pelo mercado de ações. Assim em 2003 a Bovespa criou o Mulheres em Ação, que já promoveu centenas de palestras no Brasil e inclusive no exterior.

O programa tem como objetivo estabelecer um canal entre as mulheres e o mercado da Bolsa, tendo como um dos desafios divulgar a cultura do “poupar”. Assim desenvolve um trabalho de Educação Financeira, visando orientar este público de como planejar orçamento doméstico, organizar suas finanças e livrar das dívidas. O Mulheres em Ação busca mostrar que os investimentos na bolsa, por serem de longo prazo é o que viabiliza a concretização de grandes objetivos. Além do mais, mostra que o investimento em ações contribui para a expansão das empresas de capital aberto e para o fortalecimento da economia brasileira.

Além desses programas a BM&FBOVESPA desenvolveu alguns simuladores, os quais ajudam os investidores a entenderem na prática o funcionamento do mercado de ações. Entre esses simuladores podemos destacar:

- ✓ **Simulação:** simula a compra e venda de ações utilizando um mecanismo bem semelhante ao home Broker que é utilizado no mercado real. Através desse simulador é possível aprender a investir utilizando dados reais como se estivesse atuando no mercado.
- ✓ **FolhaInvest:** é uma parceria entre a BM&FBOVESPA e o jornal Folha de São Paulo. Quando as pessoas se inscrevem nesse tipo de simulador, ganham um capital fictício de R\$200 mil e alguns lotes de ações para que consiga obter melhor rentabilidade de sua carteira de

ações. Além de aprender simulando os ganhos em sua carteira de ações, os participantes ainda concorrem a prêmio.

- ✓ **UOL Invest:** parceria entre a BM&FBOVESPA e a UOL, bem semelhante ao FolhaInvest, é um simulador totalmente gratuito que permite aos participantes aprender a simular ganhos em sua carteira de ações. Os participantes também concorrem a prêmios como viagens, cursos e passagens aéreas.

A BM&FBOVESPA vem procurando cada dia mais trazer para a população o conhecimento do mercado de capitais. Através de seus programas de popularização, e os simuladores tenta de alguma forma despertar na população curiosidade e vontade de aprender como funciona e o que é o mercado de capitais. Ela busca atender cada perfil de forma apropriada, tendo assim um tipo de programa para cada idade e cada tipo de pessoa. Por meio desses programas, e com a ajuda de várias corretoras, estão desenvolvendo cada vez mais cursos e palestras levando a um número cada vez maior de pessoas as vantagens que o mercado acionário pode trazer para as empresas, para a economia e para os próprios indivíduos.

CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa, foram abordados alguns pontos necessários para analisar as opções de aplicações dos indivíduos. Através de todo o referencial bibliográfico, pode-se concluir que as escolhas intertemporais, das quais somos obrigados a fazer é algo nada fácil, porém menos complexo, que aquelas que envolvem a questão do dinheiro e da aplicação financeira. Abdicar do presente esperando um benefício maior no futuro, nem sempre se mostra a melhor opção para todos devido à questão da incerteza do futuro, porém o dilema das escolhas intertemporais não é o único obstáculo quando o assunto é aplicações financeiras para a população brasileira.

Outro fator de importante relevância é o fato da falta de educação financeira da população. Saber como agir com o dinheiro é algo essencial para que se possa ter um excedente e transformá-lo em aplicações, que renderão frutos, dando ao investidor maiores benefícios e certa tranquilidade financeira. Através da educação financeira, consegue-se sanar dois problemas: a questão da falta de organização das finanças pessoais e a desmistificação do mercado acionários, que são os objetivos do presente trabalho.

No Brasil o mercado de capitais ainda é pouco difundido, sendo o seu funcionamento conhecido por poucos. A BM&FBOVESPA vem promovendo alguns programas para a popularização do mercado de capitais, estimulando crianças, jovens e adultos a se interessar por esse mercado. Algumas corretoras levam a população cursos, palestras e jogos para que possam entender como o mercado de capitais funciona e acabar com o mito de que a Bolsa é um cassino moderno. Pretende-se, por meio desses programas, conseguir elevar o número de investidores, visto que temos no Brasil uma classe C crescente e cada vez mais interessada em aplicações. Na atualidade devido à estabilidade da economia e das fortes instituições que visam manter o ordenamento no mercado, as aplicações em ações podem se tornar algo mais comum, além de apresentar maior rentabilidade do que a caderneta de poupança, que ainda é a escolhida por quase todos os brasileiros.

Conclui-se que com os programas de desmistificação do mercado de capitais, uma parcela maior da população poderá aplicar seu dinheiro nas empresas de capital aberto, nas sociedades anônimas, listadas na bolsa, contribuindo dessa forma, para que estas realizem seus investimentos de forma vantajosa, trazendo benefícios para ambas às partes envolvidas no processo. Uma vez que as empresas se beneficiam por captar recursos a custos mais baixos, visto que elas só dividem o lucro líquido, os investidores, ou acionistas, se beneficiam devido ao maiores rendimentos e liquidez de suas ações. E ao mesmo a economia se beneficia, ao passo que um aumento nos investimentos, por parte das empresas, acarreta em um aquecimento da economia como um todo. Assim a desmistificação do mercado de capitais se faz importante para toda a economia de um país.

REFERÊNCIAS

ANDREZO, Andrea Fernandes. *Mercado financeiro: aspectos históricos e conceituais*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Composição do sistema financeiro nacional*. Disponível em < <http://bcb.gov.br/?SFNCOMP>> Acesso em: 13 jul 2012.

BARRERE, Alain. *Teoria econômica e Impulso Keynesiano*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

BM&F BOVESPA. *Histórico pessoas físicas*. Disponível em <<http://bmfbovespa.comunique-se.com.br/listgroup.aspx?idCanal=xK1ESLWw+XZhfLpAxAa+gQ==>> Acesso em 22 jul. 2012.

_____. *Tipos de ações*. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/perguntas-frequentes-resposta.aspx?idioma=pt-br>> Acesso em 17 jul. 2012.

_____. *Mercado de Capitais*. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br/Pdf/merccap.pdf>> Acesso em 17 jul. 2012.

_____. *Desafio Bovespa*. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/intros/intro-desafio-bmfbovespa.aspx?idioma=pt-br>> Acesso em 29 ago. 2012

_____. *Bovespa vai até você*. Disponível em <<http://www.bmfbovespavaiatevoce.com.br/>> Acesso em 29 ago. 2012.

_____. *Mulheres em ação*. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br/mulheres/mulheres-em-acao.asp>> Acesso em 29 ago. 2012.

_____. *Simuladores*. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/simuladores/simuladores.aspx?idioma=pt-br>> Acesso em 01 set. 2012.

_____. *Planilha de gastos*. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/iniciantes/mercado-de-aco-es/planilha-de-orcamento-pessoal/planilha-de-orcamento-pessoal.aspx?idioma=pt-br>> Acesso em 15 nov. 2012.

_____. *Curso online de finanças pessoais*. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/cursos/online/financas-pessoais-online.html>> Acesso em 20 jan. 2012.

_____. *Ibovespa*. Disponível em <http://www.bmfbovespa.com.br/Pdf/Indices/IBovespa.pdf>. Acesso em 19 nov. 2012.

BOVESPA. *A importância da educação financeira*. Artigo publicado por V. Hernadez. Disponível em <http://pt.shvoong.com/social-sciences/economics/1650800-import%C3%A2ncia-da-educa%C3%A7%C3%A3o-financeira/#ixzz1SaajxPcC>. Acesso em 26 jul. 2011.

BRUM, Carlos A.H. *Aprenda a investir em ações e a operar na bolsa via Internet*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

CAVALCANTE, Francisco; MISUMI, Jorge Yoshio; RUDGE, Luiz Fernando. *Mercado de capitais: o que é, como funciona*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CVM. *Atribuições*. Disponível em <http://www.cvm.gov.br/> Acesso em 13 nov. 2012.

_____. *Objetivos*. Disponível em <http://www.cvm.gov.br/> Acesso em 13 nov. 2012.

DESCHATRE, Gil Ari. *Investimento em ações: para os momentos de crise e de crescimento*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.

DOMINGOS, Reinaldo. *Terapia financeira: quebre o ciclo de gerações endividadas e construa sua independência financeira*. São Paulo: Elevação, 2007.

FORTUA, Eduardo. *Mercado financeiro: produtos e serviços*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

FRANKENBERG, Louis. *Seu futuro financeiro*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

GIANNETTI, Eduardo. *O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALFELD, Mauro. *Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2005.

IBGE. *Despesa monetária e não monetária média familiar por grupo*. Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Orcamentos_Familiares/Pesquisa_de_Orcamentos_Familiares_2008_2009/Perfil_das_Despesas_no_Brasil/tabelas_pdf/tab_2_01.pdf. Acesso em 13 nov. 2012.

INTRADE. *Porque Investir em ações*. Disponível em <http://www.intrader.com.br/porqueinvestiremacoes.asp?TipoMenu=1>. Acesso em 15 nov. 2012.

LOPES, João do Carmo; ROSSETTI, José Paschoal. *Economia monetária*. 8ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LUQUET, Mara. *Guia valor econômico de finanças pessoais*. São Paulo: O Globo, 2000.

MUELLER, Alessandro. *Uma aplicação de redes neurais artificiais na previsão do mercado acionário*, 1996. (Dissertação em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1996. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta96/mueller/cap2/cap2.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

MURAMATSU, Roberta; FONSECA, Patrícia. *Economia e Psicologia na explicação da escolha intertemporal*. v.6, n. 6, 2008. Disponível em <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/rem/article/view/810>> Acesso em 15 dez. 2011.

PALAZOLLI, Fernando; VALLIN, Marco Aurélio. *Bovespa Master: Bovespa e suas corretoras levando a educação financeira até você*. São Paulo: Bovespa, 2006.

PEREIRA, Gloria Maria Garcia. *A energia do dinheiro*. São Paulo: Gente, 2001.

PINHEIRO, Carlos Alberto Org. *Bolsa de Valores: tudo o que você precisa saber antes de investir em ações*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

_____. *História do mercado de capitais*. Disponível em <<http://www.portaldoinvestidor.gov.br/Acad%C3%AAmico/EntendendooMercadodeValoresMobili%C3%A1rios/Hist%C3%B3riadoMercadodeCapitaisdoBrasil/tabid/94/Default.aspx>> Acesso em 13 jul. 2012.

_____. *O que é a Bolsa de Valores*. Disponível em <<http://www.portaldoinvestidor.gov.br/Acad%C3%AAmico/EntendendooMercadodeValoresMobili%C3%A1rios/Oque%C3%A9BolsadeValores/tabid/92/Default.aspx>> Acesso em 13 jul. 2012.

PRESSINOTT, Fernanda. Vício em Segurança. *Revista Isto É- Dinheiro*, N. 750, p. 83-84, fev.2012.

ROSSETTI, José Paschoal. *Introdução à Economia*. 18 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

SCRIVANO, Roberta. Dívida preocupa mais jovens de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 fev. 2012. Finanças Pessoais, p. B4.

SINGER, Paul. *Para entender o mundo financeiro*. São Paulo: Contexto, 2000.

SMITH, Adam. *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOARES, Fabrício Pereira; ALVIM, Marcelo Arantes. *Lar S.A.: você e sua família na rota da prosperidade*. São Paulo: Saraiva, 2007.

SYMANSKI, Rosa. Investir em bolsa, questão de classe? *Revista Problemas Brasileiros*, São Paulo, N. 410 – Ano L. p. 12-15, mar./abr. 2012.

TELÓ, Admir Roque. *Desempenho organizacional: planejamento financeiro em empresas familiares*. *Revista FAE*, Curitiba, v. 4, p. 21-26. Jan/abril 2001. Disponível em http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v4_n1/desempenho_organizacional.pdf>. Acesso em 17 nov. 2012.